5
E

EVIDÊNCIA 5

O JORNAL DA PERÍCIA

APOIO

Evidência nº 26 - Ano V - Fevereiro de 2023

Evidência é uma publicação digital organizada por profissionais ligados às ciências forenses.
Equipe editorial: Alexandre Giovanelli, Arthur Prates, Denilson Siqueira, Elizeu Santiago, Érica de Melo Azevedo, Marcos Paulo Salles Machado, Rafael Mayer e Renato Bichara.
E-mail: jornaldapericia@gmail.com
Siga nosso perfil nas redes sociais! Acesse instagram.com/pericia_rj
Edições anteriores disponíveis em: www.policiacivilrj.net.br/evidencia.php
Endereço: Praça Tiradentes, n° 09, sala 709 - Centro - CEP 20060-070 - Rio de Janeiro - RJ

ISSN 2675-7486

SUMÁRIO

5 **MILTON DA CÁS**
Entrevista com o perito criminal e artista plástico Milton Cezar da Cás

9 **GALERIA DOS GRANDES NOMES DA CRIMINALÍSTICA**
Elizeu Francisco Santiago

13 **UM LUGAR PARA OS MORTOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:** HISTÓRIAS DO NECROTÉRIO ANTIGO
Alexandre Giovanelli

41 **ASPECTOS IMPRESSIONANTES DE UMA VISITA AO MUSEU DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL**
Diário Carioca (1934)

42 **CONSTRICÇÃO DO PESCOÇO**
O QUE SE DEVE SABER
Claude Jacques Chambriard e Leandro Henrique de Almeida da Silva

47 **INMETRO LANÇA PROGRAMA DE ENSAIOS DE PROFICIÊNCIA EM ANÁLISES FORENSES**
Wagner Wollinger e Eliane Cristina Pires do Rego

DISQUE DENÚNCIA
2253 1177
RIO DE JANEIRO - RJ

PARTICIPE.

JORNALDAPERICIA@GMAIL.COM

MILTÃO

Editorial

Uma vida não cabe em palavras. É na palavra do outro que uma vida encontra contornos e se multiplica. Gosto de pensar que colecionamos momentos. Fragmentos de sentimentos que o percurso vital permite. Geralmente esses momentos são compartilhados e ali encontram a potência pulsante do viver. O que é uma gargalhada desenfreada senão o ápice de um encontro fraterno? Sempre que a morte se apresenta para mim, olho para a vida. É inevitável! Talvez a natureza do trabalho como perito criminal seja um lembrete da fragilidade humana e de sua finitude. Ter consciência daquilo que é derradeiro, inerente ao ser, permite (re)programar os sentimentos e direcioná-los ao que de fato é relevante. A felicidade é, senão, esse inventário de momentos. Tomarei a liberdade aqui, caro leitor, de trazer um desses encontros. Me chamo Rafael Mayer, sou editor deste periódico. Em 2010, ingressei na Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, no cargo de perito criminal. Após o curso de formação na academia de polícia chegava a hora de ser direcionado à uma lotação. Meu destino, então, foi o Posto Regional de Polícia Técnico-Científica de Resende. Cabe destacar que entre o meu concurso e o anterior, havia um intervalo de dez (10) anos. Conclusão: fui o único da minha turma a ir para Resende. A recepção não poderia ser melhor! Eu no "auge" dos meus vinte e cinco anos era recebido por experientes profissionais. Toda a equipe me acolheu feito um caçula de maneira afetuosa e professoral. A diretora da unidade Flávia Medeiros, o chefe do serviço de perícia criminal Cláudio Godinho e os meus ilustres companheiros de plantão (Luciano Rizzo, Pedro Américo e Milton da Cás), sem falar nos demais profissionais que compunham o posto. Aprendi o ofício com esses mestres que sempre estiveram presentes compartilhando suas experiências e conhecimento. Já tive o privilégio de fazer um exame pericial acompanhado de dois peritos! Uma aula. Escrevo este texto para falar de um destes professores: Milton da Cás, o Miltão.

Miltão andava pelas ruas de Resende feito uma celebridade! Conhecia a todos. E todos o conheciam. Era espetacular acompanhá-lo num almoço, pois certamente encontraria alguém. Conhecia a todos pelo nome! Era fraterno com seus conterrâneos. Eu, forasteiro, tive o privilégio de estreitar relações com esse célebre habitante. Muitas vezes, quando o rendia no plantão, de manhã cedo, a prosa invadia o almoço! Em sua casa, me mostrava suas pinturas e coleção de antiguidades. Tínhamos muitos interesses em comum e era fácil o papo caminhar para as artes plásticas. Colecionamos momentos! É isso que guardo. Como disse no início deste editorial: uma vida não cabe em palavras. São as impressões que deixamos em todos que encontramos na caminhada que importam e transbordam. Na instância dos sentimentos, palavras tendem a faltar. Miltão, em sua generosidade e amizade imensas, me deixou (e certamente em muitos) a melhor de todas as impressões! Em junho de 2020, na edição de nº 10, tive o prazer de entrevistar o Da Cás. E em homenagem a ele que nos deixou este ano, republicamos nesta edição o resultado deste diálogo. Miltão era um perito nas artes visuais!

Rafael Mayer

PROFISSIONAL etc

O Evidência entrevistou Milton da Cás, Perito Criminal, lotado no Posto Regional de Polícia Técnico-Científica de Resende. Estreando a coluna Profissional ETC, ele nos conta sobre sua trajetória e seu trabalho como artista visual.

Como foi sua trajetória até aqui ?

Comecei minha formação na Escola Militar em Campinas em 1968, e sai de lá no último ano, quando prestei vestibular para Engenharia Metalúrgica na UFF. Me formei em meados de 1975, ano que também ingressei na Acesita. Depois trabalhei na CSN até 1996, quando me aposentei, apesar de novo, e fiquei prestando assessoria em diferentes lugares. Por último, trabalhei numa empresa de tecnologia do Rio de janeiro, foi então que, em 2000, fiz concurso para várias instituições, pois achava que apesar de estar aposentado, ainda tinha um caminho pela frente! E foi assim que entrei para Polícia Civil. Fomos empossados em fevereiro de 2001 e estou aí até hoje, com bastante prática e um curso de especialização na Acadepol que durou uns dois anos. O resto é experiência só!

Qual sua relação com as artes visuais e os trabalhos manuais? Nos conte como foi o contato com essas disciplinas e como elas se manifestam em seu cotidiano.

Na juventude eu já gostava de desenhar. Fiz muita caricatura em sala de aula, de amigos, dos professores.. nos anos 90 ou 91, entrei para uma escola de artes. Era uma escola de uma professora autônoma, bem conhecida em Volta Redonda, Profª Cirley Spinola. Fequentei essa escola durante uns dois anos, onde aprendi a mexer com as tintas. Achei muito interessante. Era um hobby e ao mesmo tempo era um relaxamento, uma terapia, até porque o trabalho na CSN era muito cansativo e estressante. Foi dali (escola), que comecei e fui indo....participei de muitas exposições e me identifiquei muito com a pintura de rua. Colocar o cavalete na rua para pintar, participar de gincanas, etc. Participei de muitas gincanas em instituições, principalmente em instituições militares, cheguei até a ganhar alguns prêmios, o que para mim é muito satisfatório pois você acaba desenvolvendo uma visão espacial melhor. Na perícia isso é importante, por exemplo. Enxergar o todo. Inclusive acho que o desenho de engenharia é muito bom para área forense.

Consegue perceber algum paralelo entre as atividades que desenvolve, isto é, o perito e o artista, o engenheiro e o artesão?

Existe um paralelo muito grande. A perícia é uma arte. Sou verdadeiramente apaixonado por este serviço. Vamos ao local (de crime) e fixamos o ambiente em fotos, na mente. E mesmo muito tempo depois, você fica com esse registro em si. Você a partir da imagem, acessa a memória. A arte faz esse papel também, acessa o inconsciente. A perícia é fundamentada na lógica, já a arte não tem esse compromisso e premissa, pois tem uma subjetividade que não é aceitável na perícia, porque precisa ser muito clara. O perito tem que ter plena certeza do que fez pois o laudo afeta a vida do outro. A arte também afeta a vida do outro, um quadro pode deixar muita gente feliz, por exemplo. Quanto à coisa de artesão, acredito que isso venha da infância. Desmontar as coisas, mexer, montar, fazer carrinho...caramba! Naquela época não existia muita coisa pronta, então tínhamos que fazer. Então até hoje eu faço! Eu tenho um menino de 5 anos e faço muitos brinquedos para ele. Desmonto brinquedos que poderiam ir para o lixo, mexo e coloco para funcionar de novo. Curiosidade, né? Isso para mim foi uma coisa boa, pois com isso desenvolvi técnicas de restauração. Eu tenho coleção de coisas antigas e o que eu mais gosto é comprar um troço ou ganhar (ganho muitas coisas!) e desmancho, faço funcionar de novo. Gosto de ver aquilo rodando novamente. Uma máquina antiga, um equipamento qualquer e assim vou fazendo. Afinal, eles ainda tem um caminho a seguir.

Sobre o autor

Natural de Santa Maria - RS, Milton Cezar da Cás pratica desde jovem a arte do desenho, passando para a pintura como autodidata , iniciou na pintura acadêmica em1992; Participou de varias coletivas, salões e gincanas de pintura em Volta Redonda, Barra Mansa, Barra do Piraí, Resende e Rio de Janeiro entre outros, recebendo premiações; Foi aluno de artistas de renome nacional e internacional como: Erastóstenes Bastos e Jorge Vieira.

Exposições e prêmios

I Feirarte da AMAN, Resende/RJ abril 93.
II Feirarte da AMAN Resende/RJ set 93.
Coletiva de pintura, Centro Cultural CSN,V.Redonda/RJ dez 93.
II Coletiva dos empregados da CSN, V.Redonda abril 94.
IV Gincana FUGEMSS de pintura V.Redonda/94(2º LUGAR).
Coletiva de pintura, Galeria Shopping B. Pirai/RJ maio 94.
Salão de inverno de Artes Plásticas, V. Redonda/RJ jun 94.
Coletiva de pintores de V.Redonda no MAM Resende/RJ set/94.
Salão da primavera de artes plástica de V. Redonda out/94.
V Feirarte da AMAN RJ abril/95.
III Coletiva dos empregados da CSN, V.Redonda abril 95.
V Gincana FUGEMSS de pintura V.Redonda/95(M.HONROSA).
Exposição individual de pintura Galeria FUGEMSS(Fundação Gen. Macedo Soares) V.Redonda ago 95.
VI Gincana FUGEMSS de pintura V.Redonda/RJ abril 96(2º LUGAR).
IV Coletiva dos empregados da CSN, V.Redonda abril 96.
Coletiva de pintura Casa de Cultura: M.G.Portugal, R.Claro/RJ mai 97.
V Coletiva dos empregados da CSN, V.Redonda abril 97.
Gincana SESI de pintura, Barra Mansa/RJ(M.HONROSA) 1997.
Gincana de pintura da CSN ,abril 97(M.HONROSA).
Salão de inverno de Artes Plásticas, V. Redonda/RJ ago 97(M.HONROSA).
I Gincana de pintura UNIFOA(30 anos), (2º LUGAR).
Mostra de arte "Um novo CAIS no Aterrado " PMV. Redonda out 97.
Exposição "Pintando o Carnaval" MAM Resende RJ 1998.
Coletiva de artistas de Resende no MAM Resende/RJ junho 98.
XVIII Gincana de Artes do Colégio Naval ago/98 (MEDALHA DE PRATA E MENÇÃO HONROSA).
Mostra Artes do Vale, AEDB Resende de/98.
VI Coletiva dos empregados da CSN, V.Redonda abril/98.
XIX Gincana de Artes Colégio Naval ago/99 (MEDALHA DE BRONZE).
Exposição de pintura Clube Municipal de B. Mansa junho/99.
VII Exposição de Artes plásticas CSN Volta redonda julho/99.
I Gincana de pintura da AMAN 1999 (MENÇÃO HONROSA).
II Gincana de pintura AMAN 2000.
Exposição "500 anos de liberdade AEDB" 2000.
Concurso de Pintura 150 anos Vargem Grande Resende/ RJ 2003.
I Concurso de Artes Plásticas ao ar livre Casa da Lua Resende RJ,2008 (1º LUGAR).
Salão da Primavera Resende 2008 (SELECIONADO).
Salão de artes da Câmara Municipal Resende 2017.
Salão da Primavera Resende 2018(SELECIONADO).
Exposição individual de pintura Galeria AMAN(Espadim e Semana do soldado) Resende 2019.
Salão de artes da AEDB Resende 2019.
Salão de artes da PENEDO Itatiaia 2019.

Entrevista realizada pelo Perito Criminal Rafael Mayer

GALERIA DOS **GRANDES NOMES** DA CRIMINALÍSTICA

Elizeu Francisco Santiago

É comum o cometimento de equívocos praticados por alguns profissionais, em qualquer área de atuação, quando da apresentação de trabalho escrito, ao fazer citações de autores proeminentes que eles não conhecem: no afã de valorizar seus próprios feitos, mencionando-os. Tal procedimento pode por em risco as suas atuações, pois caso questionados, não saberiam dizer sequer os nomes completos desses autores.

Torna-se necessário, minimamente, conhecer alguns detalhes do perfil biográfico dessas personalidades, evitando, assim, o dissabor de uma desqualificação. Como exemplo, citaremos um episódio por nós presenciado, quando de uma audiência em juízo. O profissional referiu-se ao tratadista francês Solange Pelat, consagrado mundialmente pelas suas conclusões científicas enunciadas em quatro leis do grafismo, tendo como princípio fundamental que "A escrita é individual e inconfundível e suas leis independem do alfabeto utilizado para a sua produção", como sendo do sexo feminino. Em complementação ao contido no Módulo 1 do nosso livro Criminalística Comentada, passamos a oferecer uma relação dos vultos que, com suas obras, contribuíram para o engrandecimento e progresso da atividade científica forense:

a) **Ambrosio Paré** – um dos precursores da utilização de conhecimentos científicos aplicados na solução de casos criminais, em 1560;

b) **Paolo Zaquias** (1584 – 1659) – considerado o pai da Medicina Legal, publicou o trabalho intitulado Questões Médicas de Lombroso, instituindo o sistema antropométrico como processo de identificação (1864). Utilizou a antropometria como processo de identificação humana, mediante a medida do corpo ou de suas várias partes;

c) **Juan Vucetich** (1858 – 1925) – argentino pioneiro na identificação por meio da leitura e classificação das impressões digitais, num caso de duplo homicídio. Esse processo perdura até os dias atuais;

d) **Hans Gross** (1847-1915) – professor da Universidade de Graz, Juiz de Instrução, sistematizou os recursos técnicos científicos utilizados na investigação criminal, organizando o conjunto desses conhecimentos, conferindo-lhe o nome de Criminalística;

e) **Edmund Locard** (1877-1966) – francês, formado em Medicina Legal, em Lyon, autor de uma coletânea de obras conhecidas, como "Traité de Criminalistique" e também da famosa obra "A Investigação Criminal". Divulgou a consagrada "Teoria da Troca" que afirma: "Todo contato deixa rastro";

f) **Alexandre Lacassagne** (1843-1924) – professor, criminologista e físico, mentor de Locard. Fundador do jornal Archives de Anthropologie Criminalle, especialista no campo da toxicologia e na pesquisa de marcas de projétil e sua relação com armas específicas;

g) **Charles E. O'Hara e James W.Osterburg** – autores da obra "Introdução à Criminalística", divulgada no Brasil no ano de 1964, trabalho dedicado, principalmente, às tarefas de exames de laboratório forense.

h) **Luiz Eduardo Dórea** – Perito Criminal brasileiro, autor de obra sobre exames relativos a evidências remanescentes de sangue, em casos criminais, ostentando o título "As manchas de sangue como indício em local de crime", em 1989.

i) **Lamartine Bizzarro Mendes** (1947-1986) – brasileiro, renomado professor de Criminalística, autor do livro "Documentoscopia".

j) **Domingos Toccheto** – eminente Perito Criminalístico brasileiro, especialista em Balística Forense. Autor de várias obras, dentre as quais, "Perícia Ambiental Criminal" e "Balística Forense".

k) **Janyra Oliveira Costa** – Perita Criminal brasileira, professora de Entomologia Forense (disciplina que estuda a estrutura e a biologia dos insetos). Autora do livro "Entomologia Forense", dedicado à investigação criminal na busca de soluções de casos.

l) **Eraldo Rabelo** – professor brasileiro de Criminalística, renomado Perito Criminal, dedicado especialmente ao estudo concernente aos processos de fabricação de armas de fogo, seus raiamentos e dispositivos de segurança. Autor da obra "Balística Forense".

m) **Walter Osinaga Zambrana** – boliviano, autor da obra "Técnicas de Investigação Criminal y Criminalística", que versa sobre assuntos relacionados tanto à investigação subjetiva quanto à investigação objetiva técnico-científica.

n) **José Del Picchia Filho (**1908-1983) – eminente Perito Criminal brasileiro, diplomado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Dedicou a força de seus conhecimentos ao Laboratório de Polícia Técnica de São Paulo e possui vários títulos honoríficos, dentre os quais, membro da American Society of Questioned Examiners, da Associação Paulista de Medicina Legal, membro emérito fundador da Sociedade Pan-Americana de Criminalística, representante do Brasil junto à Organização Internacional da Polícia Criminal (Interpol), autor de inúmeras obras, destacando-se o famoso "Tratado de Documentoscopia".

o) **Celso Mauro Ribeiro Del Picchia** – brasileiro formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (São Francisco). Membro da Associação dos Peritos Judiciais do Estado de São Paulo, membro emérito da IAFS (International Association of Forensics Sciences), membro da Associação Brasileira de Criminalística e da Asociación Latino-americana de Criminalística, autor do antológico e consagrado Tratado de Criminalística.

p) **Alberi Espíndula** – professor de Criminalística brasileiro, Perito Criminal Oficial do Distrito Federal, ex–diretor da Divisão de Perícias do Instituto de Criminalística do Distrito Federal, detentor de vários títulos honoríficos da área de Criminalística, dentre os quais, Delegado Geral no Brasil da Sociedade Mexicana de Medicina Forense, Criminologia y Criminalística. É autor de múltiplas obras de cunho técnico-científico, destacando-se o livro Criminalística: "Procedimentos e Metodologias", contendo informações e roteiros práticos de abordagem técnica de locais de ocorrências criminais.

q) **Ascendino Cavalcanti** – brasileiro professor de Criminalística, pós- -graduado em Direito Penal, perito criminal, desempenhou a função de chefe das seções de Balística, de Pesquisa, de Documentoscopia e de Fotografia, assim como da Divisão Técnica do Instituto de Criminalística da SSP do Estado de Pernambuco. Destacou-se, também, como membro da Associação Brasileira de Criminalística e como autor do consagrado livro "Criminalística Básica".

r) **Antônio César Morant Braid** – brasileiro Perito Criminalístico Oficial, Bacharel em Direito, Engenheiro Eletricista especializado em Eletrônica, formado em Fonética Aplicada em New Jersey, EUA, Professor da Academia de Polícia Civil do Estado da Bahia. Autor renomado, contribuindo para o estudo da Criminalística com múltiplas publicações, destacando-se a obra intitulada "Fonética Forense".

s) **Luís Carlos Cavalcante Galvão** – brasileiro, especialista em Medicina Legal, Médico Legista do IML Nina Rodrigues (Bahia), professor de Medicina Legal da Escola Baiana de Medicina, Professor da Academia de Polícia da SSP do Estado da Bahia, autor da obra "Estudos Médicos Legais".

t) **Osvaldo Negrini Neto** – Perito Criminal brasileiro, Diretor do Centro de Exames, Análises e Pesquisas do Instituto de Criminalística de São Paulo, Professor Titular de Física Aplicada e Chefe do Departamento de Criminalística da Academia de Polícia Civil do Estado de São Paulo, Professor do Curso Superior de Polícia. Um dos autores do livro "Dinâmica dos Acidentes de Trânsito".

u) **Rodrigo Kleinübing** – Perito Criminalístico brasileiro, Engenheiro Mecânico, Engenheiro de Avaliações e Perícias, Especialista em Acidentes de Trânsito em Caráter Excepcional, Professor de pós- -graduação em Acidentes de Trânsito e em Engenharia Forense, coautor do livro "Dinâmica dos Acidentes de Trânsito".

v) **Ranvier Feitosa Aragão** – Perito Criminal, autor do livro "Acidentes de Trânsito, Aspectos Técnicos e Jurídicos";

x) **Benedito Paulo da Cunha** - Perito Criminal, autor do livro "Doutrina da Criminalistica Brasileira".

Além dos nomes citados, destacamos a importante presença e atuação de outros Cientistas Forenses, que no labor diário, incessante, nos honraram com as suas atuações, quer como dirigentes de Instituições, e ou como Professores, Instrutores e Peritos, os quais passamos a nominar:

Antônio Carlos Villanova,

Carlos Kehdy,

Victor Manoel Dias de Oliveira Quintela,

Otávio Eduardo de Brito Alvarenga.

Jacques Wygoda,

Eugênio Lapagesse,

José Eugênio Macedo Soares ,

Epitácio Timbaúba da Silva

Finalizando, "permissa venia", a minha reverência especial aos diletos e queridos companheiros **Carlo de Melo Éboli** e Antônio Nunes da Silva (eternos e inesquecíveis companheiros) e ainda ao amigo **Dr. Mauro Ricart**.

Caso tenha omitido algum outro nome, as minhas sinceras escusas".

Saudações criminalísticas

Sobre o autor

Elizeu Francisco Santiago é Perito Criminal (PCERJ) aposentado, bacharel em Ciências Jurídicas pela Universidade Brasileira (RJ), é consultor, parecerista, professor, conferencista e debatedor em assuntos de perícia criminal. Fundador do Centro de Criminalística da PMERJ Cel. Luiz Waldemar Xavier Vieira. Assessor Técnico do Centro de Criminalística da PMERJ. Autor do livro *Criminalística Comentada* da editora Millennium.

UM LUGAR PARA OS MORTOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIAS DO NECROTÉRIO ANTIGO

Alexandre Giovanelli

O contexto social

Cemitério dos Pretos Novos (GAMBOA)
Alexei Bueno[1]

O mar ficara atrás, defronte o nada.
Sem seu mundo, nem o outro, ei-los sepultos,
Ossos, cinzas, libertos dos insultos
Sob o asfalto, os assoalhos, a calçada.

Invisíveis, na alheia madrugada,
Levantam-se, reúnem-se, e seus vultos
Fitam a ruela livre de tumultos
E enxergam nela a cena insuspeitada.

Hienas, zebras e leões varam as casas,
Girafas e baobás nascem das telhas,
Os grous nos postes bicam suas asas,

E eles, ao fogo, com cauris e contas,
Dançam, estátuas brônzeas ou vermelhas,
Além da vida de ódios e de afrontas.

No século XIX o Brasil era uma sociedade fundamentada na economia agrária, exportadora, escravista, com sistema de classes sociais bastante hierarquizada e estanque, em grande parte definida pela origem étnica e/ou cor de pele. Dessa forma, as relações sociais e cultura foram forjadas pelo conflito constante entre costumes e modos de vida impostos por elites e pensadores e a renitente resistência da população mais pobre que representava a esmagadora maioria do contingente populacional. Aqui não nos referimos, apenas, à presença do elemento negro, com sua cultura e formas de pensar que tiveram, sim, uma influência importante na cultura brasileira. Havia, em curso, ainda, uma série de disputas por legitimidade de outras concepções que ganharam maior expressividade no século XIX, no Brasil. A ciência, passou a confrontar costumes religiosos tidos como atrasados. A própria Igreja Católica tentava se "livrar" ou minimizar a onipresença de um catolicismo popular, remanescente do período colonial, profundamente misturado a práticas de origem pagãs, inclusive de origem europeia, muito simbólica, sincrética e não raro entendida como herética. Por sua vez, o plano político e econômica via ascender novos elementos sociais de poder que culminariam com o fim da Monarquia e início da República em 1889.

1 Bueno, Alexei. (2010). Cemitério dos Pretos Novos. In: Revista Brasileira (Academia Brasileira de Letras), fase VII, ano XVI, nº 63 (poesia): 343-344.

Em meados de 1800, o mundo dos "vivos" estava em polvorosa. Mas os mortos não ficariam imunes a essas disputas. Eles seriam muitas vezes chamados ao centro dos debates. E por algum tempo questões médicas, sociais e religiosas ditariam o lugar dos mortos. No Rio de Janeiro, a população de vivos crescia rapidamente: 234 mil habitantes em 1808; 450 mil habitantes em 1823 e um milhão e duzentos mil habitantes em 1854[2]. Em grande parte, esse crescimento estava relacionado com a importação de mão de obra escravizada. Só na capital (Rio de Janeiro), metade do contingente populacional era de cativos. Mas a mortalidade também era bastante alta. Não só entre aqueles que eram trazidos do continente africano, mas na população em geral. Resultado das más condições de higiene e alimentação, falta de recursos médicos e as epidemias, muitas epidemias que grassavam, inclusive no Rio de Janeiro. Até então, a morte e os cortejos fúnebres eram extremamente ritualizados, visando a salvação da alma. Em muitos casos, os procedimentos eram idealizados antes mesmo do fim da vida, para garantir que tudo desse certo nesse momento tão importante. O local da inumação era preferencialmente junto ou dentro das igrejas, denominado enterramento intramuros. Era uma relação de proximidade entre vivos e mortos:

> "*Esta familiaridade assentava-se numa relação de vizinhança cotidiana entre os habitantes e as sepulturas. Ao frequentarem as igrejas, pisavam, caminhavam, sentavam e oravam sobre seus mortos, a todo o tempo sentindo seus odores, expressando uma determinada sensibilidade olfativa resultante da fé existente na sacralidade dos sepultamentos eclesiásticos*" (Rodrigues, 1997)[3]

Certamente que os mortos de origens diferentes tinham tratamentos diferentes, seguindo a divisão de classes muito proeminente no período. Os cidadãos mais conceituados e da elite, em geral eram enterrados no interior das igrejas. A distância do altar refletia em grande parte o *status* social do morto. Quanto mais distante, menos importante. As irmandades religiosas, criadas e sustentadas por leigos tiveram importante papel no período. Além de capilarizar a fé e ser um braço de sustentação financeira de muitas obras a serviço da Igreja, eram formas de vivência em sociedade e de apoio mútuo, inclusive na hora da morte. Havia todo tipo de irmandade, desde aquelas diretamente subordinadas às ordens religiosas até as de iniciativa leiga. Brancos, negros e os chamados mulatos criavam suas próprias congregações, dedicadas a um santo da devoção. Havia aquelas restritas às elites e as criadas pelas camadas mais pobres que, em geral, eram mais permeáveis à convivência racial. Para as camadas mais pobres e excluídas, incluindo os negros, as irmandades possibilitavam vias de acesso a algum nível de distinção social e recursos, além de garantia a um funeral cristão. A esses também era assegurado um local junto às igrejas[4]. Por sua vez, os cortejos fúnebres, estandartes, mortalhas e rituais apresentavam características específicas que identificam a agremiação religiosa de adesão do morto.

2 Botelho, TR. (2005). População e espaço nacional no brasil do século XIX. Cadernos de História, Belo Horizonte, 7(8): 67-83.
3 Rodrigues, Cláudia. (1997). Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. 2º Prémio Carioca de Monografia. Coleção BIBLIOTECA CARIOCA, Volume 43, Série Publicação Científica.

4 Pereira, JCMS. (2006). À flor da terra: O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado

Enterro de uma mulher negra. Litografia aquarelada, rascunho de Jean Baptiste Debret e acabamento de Thierry Frères.

Entretanto, havia classes de pessoas que estavam privadas de qualquer honraria ou reconhecimento religioso, o que se refletia na forma e local de inumação. Era uma heterogênea categoria, incluindo pessoas sem religião ou de religião não católica, criminosos, suicidas, rebeldes, não batizados e os chamados pretos novos, ou seja, aqueles indivíduos recém aportados no país para serem escravizados. Em uma categoria um pouco melhor, havia, ainda, os que professavam a religião católica, mas eram considerados "desvalidos".

> "*Os desvalidos compreendem os indivíduos que também podem ser chamados de miseráveis, abandonados, desamparados e desprotegidos. Configuram-se como aqueles que não são prestigiados pelas histórias tradicionais em vida e que, na hora da morte, foram destinados aos largos, campos, rocios e praças da cidade do Rio de Janeiro*" (Berredo *et al.*, 2022)[5]

Para esses, muito cedo, foi criada a Santa Casa da Misericórdia, ao final de 1500. Segundo a tradição, pelo próprio padre José de Anchieta. A Santa Casa reunia voluntários que cuidavam da saúde dos desfavorecidos e também da morte. Por muito tempo, a exclusividade dos enterramentos pertenceu à Santa Casa, incluindo o lugar de inumação e o fornecimento de caixões. Esses serviços eram cobrados àqueles que detinham algum recurso. Da mesma forma, os proprietários de escravos que quisessem enterrar dignamente seus cativos, precisavam pagar. Muitos davam calote. Outros resolviam a

5 Berredo, AL; Gaspar, M; Rodrigues-Carvalho, C. (2022). Cemitérios dos desvalidos do Rio de Janeiro antigo. Revista de Arqueologia, 35(3): 69-90.

questão enterrando nos “matos” ou jogando os corpos nas muitas praias que circundavam o Rio de Janeiro[4]. Aliás, mesmo nas últimas décadas do século XIX era bastante comum os jornais anunciarem o encontro de corpos nas águas das praias.

Havia poucos cemitérios ou espaços destinados aos enterros de corpos, criados no século XVII ou anteriormente. A lista de cemitérios incluía basicamente o da Santa Casa, situado em terreno contíguo ao Hospital, destinado aos injustiçados e escravos; o cemitério do Largo do Carmo (atual Praça XV) que funcionou até meados do século XVIII; o cemitério de Santo Antônio, administrado pela Ordem dos Franciscanos, situado no sopé do Morro da Carioca (hoje Largo da Carioca), o qual recebia tanto os corpos dos religiosos e de leigos da ordem, como os escravos do convento e que posteriormente passou a receber também outros escravos. No Largo da Carioca havia, ainda, o cemitério construído pela Ordem Terceira de São Francisco. Essa ordem construiu também um Hospital que funcionou até 1906. Na parte de baixo do Hospital foi instalado o “Bar do Necrotério” que se tornou ponto de encontro dos boêmios no final do século XVIII.[6]

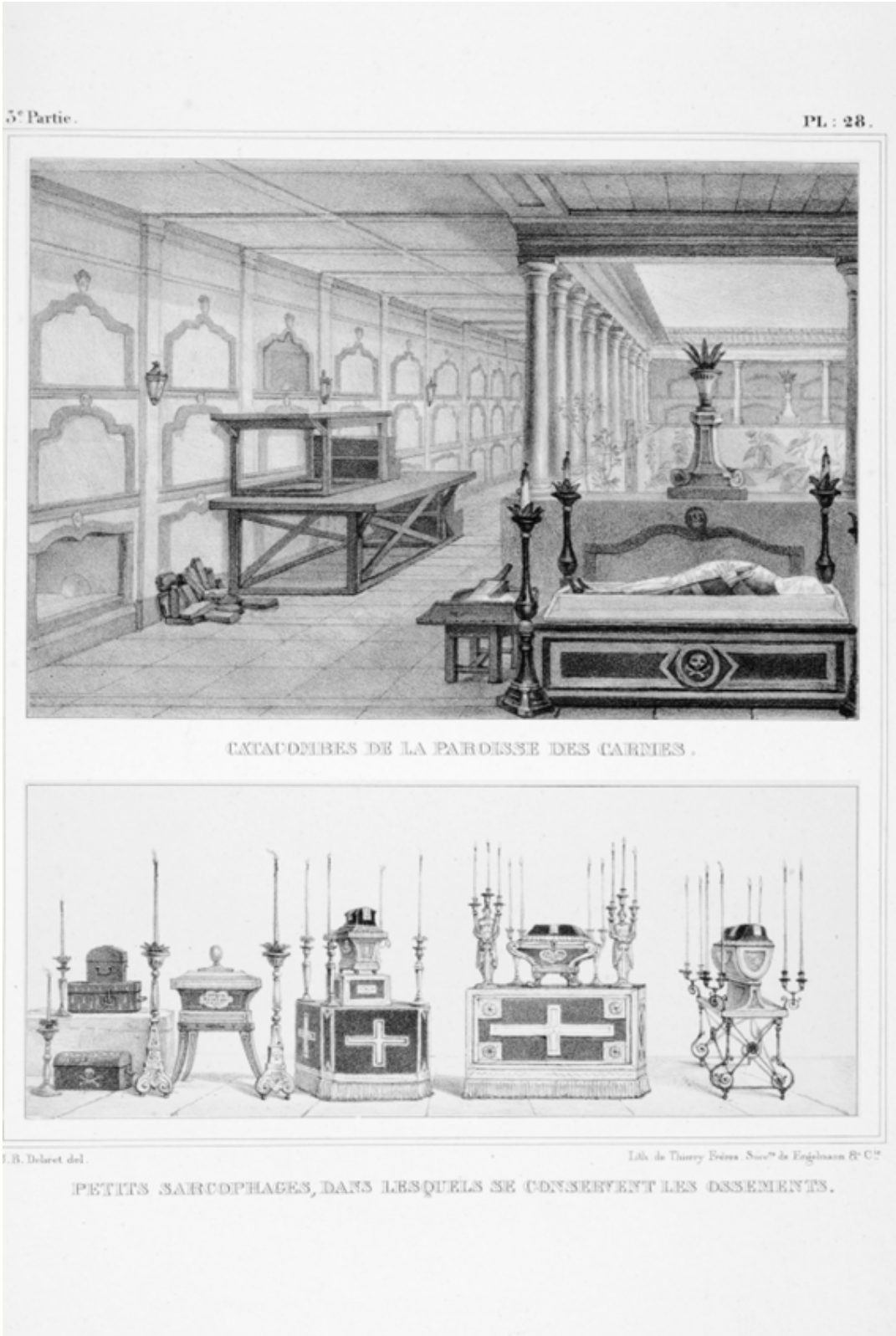
Para completar, há registros do cemitério da Igreja de Santa Rita, que passou a fazer o enterro dos chamados pretos novos, em um largo situado em frente à Igreja (Largo de Santa Rita); o Cemitério dos Mulatos, situado no campo do Rocio e depois largo de São Domingos. Estes dois últimos eram cemitérios mais ou menos clandestinos.

Desde o início do século XX até os tempos recentes, foram encontrados ossos humanos em diferentes intervenções e obras realizadas sobre os locais originais dos cemitérios citados[5]. Ou seja, literalmente caminhamos, hoje, sobre os mortos do passado.

Os cemitérios, eram geridos direta ou indiretamente pelos religiosos católicos. Assim, os estrangeiros que morressem por essas terras não podiam ser enterrados em condições dignas. Por isso mesmo, em 1811 foi criado, também, o Cemitério dos Ingleses, na região da Gamboa, por ocasião do Tratado de Amizade e Comércio entre Portugal e Inglaterra. É o mais antigo cemitério, ainda em funcionamento, no Rio de Janeiro.

‘’nas últimas décadas do século XIX
era bastante comum os jornais anunciarem
o **encontro de corpos nas águas das praias.**’’

6 Segre, R; Vilas Boas, N; Koatz, GD; Till, J. O largo da carioca no Rio de Janeiro: Complexidades de um espaço urbano. XII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Porto Alegre: 15 a 18 de outubro de 2012.



Litografia de Jean Baptiste Debret, 1839. Catacumbas da paróquia do Carmo. Pequenos sarcófagos, onde se conservam os ossos. Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin)

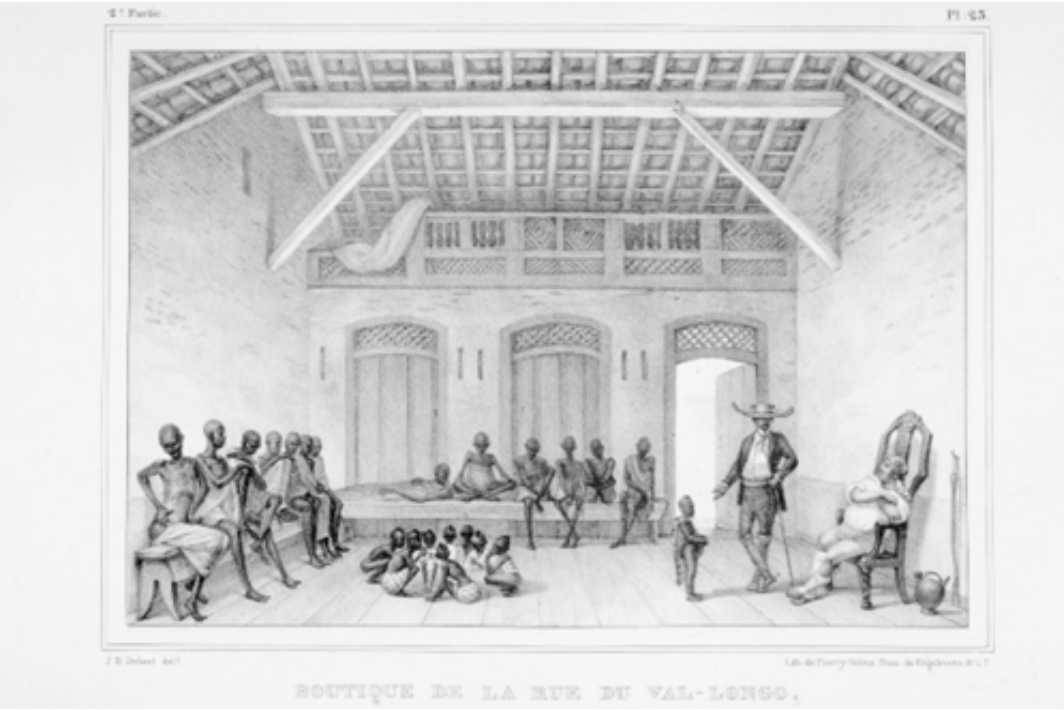
Especificamente, o cemitério de Santa Rita, por muito tempo recebeu os corpos de escravos vindo do tráfico. Dadas as péssimas condições de viagem, muitos morriam antes da chegada e outros tantos já desembarcavam na Praia do Peixe, ao lado da Praça XV, bastante debilitados. E acabavam morrendo. O comércio se dava ali mesmo nos arredores da Praça XV. Ao assumir o cargo de Vice-Rei, em 1769, o Marquês de Lavradio preocupado com o caos do comércio e as cenas chocantes de escravizados desfilando pelas ruas em condições precárias, decide transferir o comércio para o Valongo. Nas palavras do administrador[4]:

> "Havia... nesta cidade, o terrível costume de tão logo os negros desembarcarem no porto vindos da costa africana, entrar na cidade através das principais vias públicas, não apenas carregados de inúmeras doenças, mas nus ... e fazem tudo que a natureza sugeria no meio da rua".

Imediatamente ele ordena que o comércio e desembarque de cativos seja transferido para o Cais do Valongo:

> "Os negros novos, que vem dos portos da Guiné e Costa da África, ordenando, que tanto os que se acharem nela, como os que vieram chegando de novo daqueles portos, de bordo das mesmas embarcações que os conduzirem, depois de dada a visita da Saúde, sem saltarem a terra, sejam imediatamente levados ao sítio do Valongo, onde se conservarão, desde a Pedra da Prainha até a Gamboa e lá se lhes dará saída e se curarão os doentes e enterrarão os mortos, sem poderem jamais saírem daquele lugar para esta cidade, por mais justificados motivos que hajam e nem ainda depois de mortos, para se enterrarem nos cemitérios da cidade..."

Doca e Mercado da Praia do Peixe. Fotografia de Marc Ferrez, 1880. Coleção Gilberto Ferrez/Acervo Instituto Moreira Salles.



Litografia de Jean Baptiste Debret, 1835 (Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin)

Assim, entre 1769 e 1774 os barracões de compra e venda de cativos foram transferidos para a Praia do Valongo e tiveram início as atividades do novo Cemitério dos Pretos Novos, cujo último sepultamento oficial ocorreria em 1830. Os que morriam antes de serem comercializados iam direto para o Cemitério. Devido à grande quantidade de fluxo de enterros e à própria condição de cidadãos sem direitos e "sem religião oficial", os negros eram enterrados de forma precária, muitas vezes na superfície do solo e em covas coletivas, uns sobres os outros. Em 1814, o viajante alemão G.W Freireyss[7] relataria sua impressão sobre o cemitério nos seguintes termos:

> "No meio deste espaço havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, saiam restos de cadáveres descobertos pela chuva que tinham carregado a terra e ainda havia muitos cadáveres no chão que não tinham sido ainda enterrados. Nus, estavam apenas envoltos numa esteira, amarrados por cima da cabeça e por baixo dos pés. Provavelmente procede-se o enterramento apenas uma vez por semana, como os cadáveres facilmente se decompõe o mau cheiro é insuportável. Finalmente chegou-se a melhor compreensão, queima de vez em quando um monte de cadáveres semidecompostos".

É significativo o ato de que nenhum escravo ou liberto tenha mandado sepultar alguém no Cemitério dos Pretos Novos[4]. Em geral, aqueles que conseguiam reunir recursos ou pertenciam a uma irmandade sepultavam seus entes queridos em igrejas ou no entorno delas, com os devidos ritos fúnebres.

A partir de 1830, o tráfico de escravos, sofreu grande redução, em decorrente exigência da Inglaterra que reconhecia a independência do país, mas impunha o fim definitivo do tráfico.

7 FREIREYSS, G.W. Viagem ao Interior do Brasil. Belo-Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1982. p. 123-4.

O acordo foi ratificado em 1827 com previsão de prazo máximo até 1830. De fato, o transporte transatlântico de escravizados foi diminuindo, embora não tenha cessado. De início, o que ocorreu foi a pulverização dos desembarques ilegais em diversas praias ao longo da costa brasileira, de preferência fora das vistas dos centros urbanos maiores. Por sua vez, o comércio interno continuou bastante ativo, com transferências importantes de mão de obra escrava entre estados. Durante o funcionamento do Cais do Valongo calcula-se que quase um milhão de africanos tenham chegado ao Brasil e cerca de 1000 escravizados foram enterrados, a cada ano, no Cemitério dos Pretos Novos[4].

O papel dos médicos na gestão das mortes

Desde o início do século XIX os médicos tiveram participação crescente nos rumos das políticas públicas no Brasil, principalmente em relação às áreas de saúde, higiene e de segurança pública. Em 1832 foi promulgado o Código de Processo Criminal que previa oficialmente a atuação de peritos nos casos em que a infração criminal deixasse vestígios.[8] Esses peritos eram basicamente médicos indicados pelo Juiz. Nesse mesmo ano, as escolas médico-cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, criadas por Dom João VI em 1808, foram transformadas em faculdades de medicina oficiais.[9] Um pouco antes, já havia sido criada a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, depois transformada em Academia Imperial de Medicina (1835) e finalmente Academia Nacional de Medicina (1889). Durante grande parte do século XIX, a Santa Casa da Misericórdia, a Faculdade de Medicina e a Academia Imperial de Medicina, apesar de independentes, compunham o *staff* médico de produção intelectual da capital e do Brasil.

A Santa Casa da Misericórdia fornecia material farto para o aprendizado de futuros médicos e para experimentações de novos tratamentos e medicamentos. Como o público da Santa Casa era de pessoas de classe social desfavorecida – os chamados desvalidos – não havia grandes preocupações éticas ou de possíveis consequências na esfera jurídica ou social. Em especial, os cativos atendidos, serviam constantemente para a testagem de novos produtos, principalmente aqueles provenientes da farmacopeia nacional, visando a substituição de produtos importados já consolidados pela tradição médica da época. Além disso, as necrópsias efetuadas no necrotério da Santa Casa serviam ao estudo das diferentes doenças que grassavam pelo país. Segundo Souza Lima (2011):[10]

> Ao pesquisar os escritos médicos produzidos entre 1830 e 1850 percebi a presença significativa dos escravos ora como pacientes, ora como objeto de estudos. Eles estavam por toda a parte no cotidiano médico: eram seus pacientes, seus auxiliares como enfermeiros e serventes no hospital e na Faculdade de medicina e ainda, eram objeto de estudos após sua morte nas aulas de anatomia e clínica médica e estavam presentes em muitos artigos, figurando como "cobaias" de experimentos médicos.

8 Giovanelli, A. (2020). As Ciências Forenses no Brasil Monárquico: Breve Histórico da Oficialização e Institucionalização da Função Pericial nas Investigações Criminais. Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics 9(3):394-418.
9 Hércules, Hygino. (2011). Medicina Legal: texto e Atlas. São Paulo: Editora Atheneu.
10 Souza Lima, SC. (2011). O corpo escravo como objeto das práticas médicas No Rio de Janeiro (1830-1850). Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Importante ressaltar que a população mais pobre – imensa maioria – utilizava os serviços da Santa Casa, o único tipo de atendimento em saúde disponível para essa parcela da população. E nesse caso, a polícia era uma passagem obrigatória. Para se consultar, havia a necessidade de pegar um encaminhamento que era emitido pela polícia.

Antes mesmo de Cesare Lombroso difundir a Antropologia Criminal, a medicina já tinha papel relevante na definição de algumas políticas públicas e como referencial de ciência no estabelecimento de decisões administrativas e legais. Por exemplo, em 1856, a Secretaria de Polícia da Capital estabeleceu um corpo médico oficial para os exames de corpo de delito. Um pouco antes, em 1850, o Rio de Janeiro passaria por uma grave crise epidemiológica, pois uma grande onda de mortes por febre amarela e cólera assolou a capital. A epidemia ceifava rapidamente milhares de pessoas; os corpos espalhavam-se pelas casas, hospitais e ruas. A partir daí as recomendações dos médicos higienistas passariam a ter uma força ainda maior. Os cemitérios intramuros (enterros no interior de igrejas) e os corpos expostos seriam duramente combatidos pelos médicos. Assim, a partir de meados do século XIX, uma significativa mudança ganha forma, através da construção de cemitérios externos que passariam a receber os corpos. O primeiro deles foi o Cemitério do Caju, criado em 1839 e administrado pela Santa Casa. Com sua ampliação seria rebatizado de Cemitério São Francisco Xavier. Após décadas de debates, finalmente os médicos conseguiram que as autoridades governamentais legislassem sobre a criação dos cemitérios públicos, para onde seriam levados todos os cadáveres. Da mesma forma, os rituais fúnebres, com seus cortejos, orações, preparos, sofreram um empobrecimento ritualístico. Os mortos queridos passariam, a ter um lugar apartado dos vivos[3]. Além disso, cada vez mais o Estado estabeleceria "controles" sobre o destino de corpos, principalmente nos casos de violência, definindo os procedimentos de exames periciais formalizados e de forma generalizada para as vítimas de violência (exame de vivos e necropsias). Com a Antropologia Criminal e a Antropometria de Bertillon, no final do século XIX e início do século XX, essa vigilância do estado sobre o corpo ganharia contornos bastante pronunciados e detalhados.

''a população mais pobre – imensa maioria – utilizava os serviços da Santa Casa, o único tipo de atendimento em saúde disponível para essa parcela da população. E nesse caso, a polícia era uma passagem obrigatória.''

Capa da Revista Illustrada de 1876, nº 10. Na parte de baixo o seguinte diálogo:

Febre amarella: Exº Sr. Ministro do Império, estou-lhe muito agradecida; já faço uma colheita de 80 a 100 por dia graças ao seu valioso auxílio

Ministro do Império: Exª Srª Febre, é para mim bastante lisonjeiro este seu agradecimento, mas observo-lhe que não deve esquecer-se dos meus aliados a Ilma. Câmara Municipal e a Junta de Hygiene que muito me coadjuvam nessa árdua tarefa.

A construção do necrotério municipal

Desde sua criação, a perícia da Secretaria de Polícia da Capital funcionava em condições precárias, junto com as demais repartições de polícia. Em 1875 ela se situava em uma sala de prédio situada na Rua do Lavradio, esquina com a Rua do Senado. Os atendimentos dos exames de lesão corporal eram feitos ali mesmo, sem condições adequadas. As necropsias eram realizadas nos Hospitais, Casas de Detenção, Cemitérios e até nas residências. Muitos exames de lesão corporal também eram realizados na residência do próprio ofendido. Segundo Barreto Filho e Lima: [11]

> "Quanto à casa em que funcionava a Secretaria, o Chefe de Polícia dizia que não tinha as acomodações necessárias. Além de estarem as secções todas oprimidas, não havia lugar para o arquivo. A secção médica funcionava na mesma sala em que trabalhavam as secções internas, sem haver onde se pudessem fazer os exames médicos. Não havia uma sala de espera para as pessoas decentes; e, se os três novos delegados tivessem de funcionar ao mesmo tempo, não haveria lugar para todos eles".

Por outro lado, nesse período, a cidade do Rio de Janeiro via aumentar o número de mortes, consequência do crescimento populacional da capital, mas também de violências, conflitos e condições sanitárias ainda inadequadas para grande parte da população. Muito embora, como já vimos, as teses higienistas tenham ganhado grande projeção nos meios científicos e até políticos.

Um dos muitos exemplos que ilustra bem a precariedade não só de questões relacionadas à higiene da população mais pobre, como as condições inadequadas de trabalho dos próprios médicos, ocorreu em 1866, quando diversas pessoas que embarcaram no vapor Santa Cruz apresentaram sintomas graves de diarreia, vômito, dor abdominal; algumas das quais vieram a óbito. O fato é descrito no Relatório do Presidente da Junta Central de Higiene Pública, Dr. José Pereira Rego, que não só examinou muitos doentes pessoalmente, como também fez a necropsia de algumas pessoas que vieram a óbito. As condições do navio, inclusive foram alvo de sua vistoria, o qual relata:[12]

> "No exame rapido a que por essa occasião procedi, sorprendeu-me o estado immundo do vapor, sobretudo como navio de transporte, e não duvidei logo de que pudesse ser elle o foco de uma infecção pestilencial de natureza typhoide, visto como as causas que nelle actuavão podião ser consideradas como as productoras do typho, taes erão, além de outras, grande numero de doentes com feridas em suppuração, .falta absoluta de asseio e limpeza do navio, um deposito de perto de 200 carneiros, cavallos, carne podre, etc".

11 Barreto Filho, Mello e Lima, Hermeto. (1942). História da Polícia do Rio de Janeiro: aspectos da cidade e da vida carioca (1831–1870). Rio de Janeiro: Editora A Noite.

12 José Pereira Rego. (1866). Relatório da Repartição dos negócios do Império (RJ). (1866). Edição 1(10): Relatório do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública, pg 1-36.

É significativa também as circunstâncias associadas à necropsia efetuada em uma das vítimas, que o médico descreve como o "*preto Alcides, escravo do 1º tenente de armada Jose Mariano Vaz Lobo, que veio como cozinheiro do Vapor Santa Cruz, o qual faleceu dentro de poucas horas*". A necropsia fora solicitada pelo próprio Chefe de Polícia que mandou colocar o cadáver à disposição no Cemitério São Francisco Xavier. Na época, ainda não havia o Necrotério Público. O especialista consultado, por sua vez, solicitou a presença do médico da polícia e do médico verificador do distrito para acompanharem a necropsia. As condições precárias para o exame foram relatadas pelo Dr. José Pereira Rego: "*Desta autopsia, feita já em começo de putrefacção do cadaver, e imperfeitamente feita, porque tivemos de trabalhar no meio do campo e à chuva que cahia com força, sem nenhuns meios á nossa disposição, á excepçao dos instrumentos de autopsia*". O relato dos achados da necropsia encontra-se no quadro abaixo.

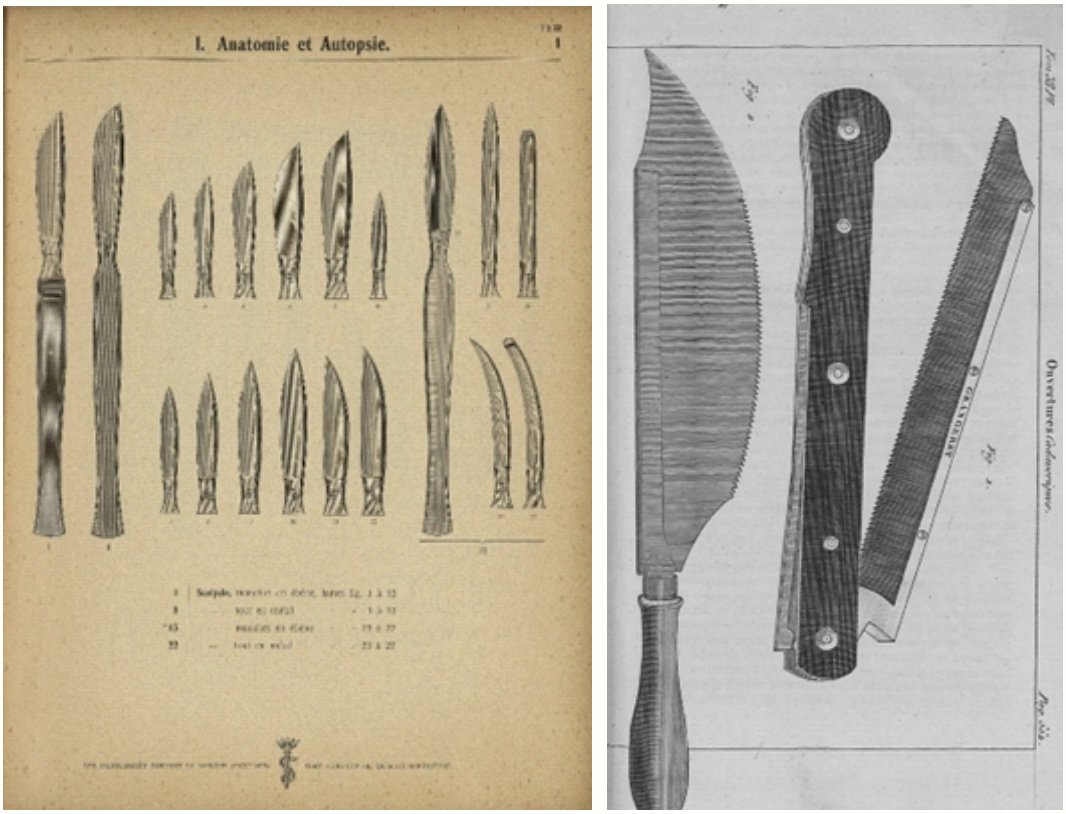
Breve relato sobre a necrópsia feita pelo Dr. José Pereira Rego

Às 5 horas da tarde, e em companhia dos Srs. Drs. Neves e Lemos, procedeu-se a autopsia a qual deu o seguinte resultado : o habito externo do. Cadáver apenas apresentava de especial o enrugamento da pelle dos dedos; os olhos erão salientes, a flor do rosto e sem nenhum encovamento; o globo ocular conservava sua convexidade normal sem depressão alguma da cornea, nem enrugamento; todas as veias se traduzião pela sua plenitude, ainda mesmo as de mais pequeno calibre; e urna incisão feita em qualquer ponto da pelle deixava transudar grande quantidade de sangue fluido negro.

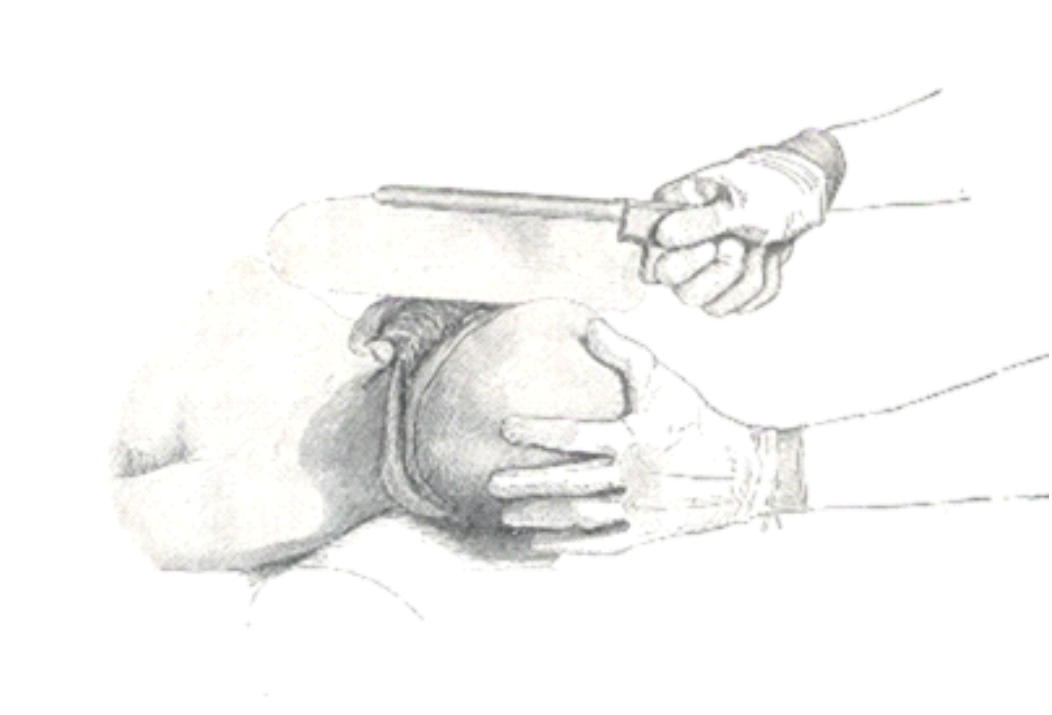
Aberto o ventre, encontramos o figado de um volume enorme, occupando quasi ambos os hypochondrios, o estomago e intestinos com arborisação pronunciadíssima de toda a serosa, indicando bem que tinha sido a séde de uma hyperemia activa; a mucosa de um acinzentado escuro, maxime no estomago, nos intestinos grossos e junto ao appendice coecal, e espessada nestes mesmos pontos, observando-se demais junto ao coecum na extremidede do ileon pequenos ponticulos disseminados em placas, que parecião revelar o desenvolvimento dos folliculos de Peyer. O estomago continha além disto materias alimentares, e dos intestinos corria pela incisão uma quantidade immensa de liquido esbranquiçado, muito semelhante ao liquido purulento.

Quanto á cavidade do peito, achou-se ambos os pulmões engasgados de sangue, e o esquerdo adherente á pleura costal em grande parte da sua extensão, não sendo as adherencias ainda bem organizadas. O coração e grossos vasos que nelle terminão, estavão cheios de sangue negro, parte fluido e parte coalhado, o qual se escapou em ondas ao abrir-se uma das auriculas.

… concluimos, para satisfazer a uma exigencia da autoridade, que o dito preto succumbio a uma molestia de natureza infectuosa, determinando a asphyxia rapida, como o demonstrava a congestão enorme dos pulmões e do figado, os coalhos abundantes de sangue negro no coração, e a congestão de todo o systema venoso ainda mesmo das pequenas veias subcutaneas, sendo certo que as causas pathogenicas parecião ter actuado mais profundamente sobre o apparelho gastro-intestinal em virtude das lesões mais profundas nelle encontradas, revelando uma hyperemia aguda, concorrendo com symptomas de inflammação anterior lenta.



Instrumentos de necropsia. Retirado do catálogo Collin & Cie successeurs. Médecine et petite chirurgie, [Paris : Lib. Imp. réunies], 1935. Disponível em Bibliothèque numérique medic@.



Corte da calota craniana com serra de dorso móvel. Foto: B. Fisher. Curso de Autopsias y Diagnóstico Anatomopatológico. Barcelona: Labor, 1929, p. 34. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/museologico/objeto-em-foco/acervo-museologico-instrumentos-de-necropsia

É bastante significativo a constatação de que somente as pessoas mais desfavorecidas socialmente foram afetadas pelo surto no navio: *"...todos erão escravos e invalidos, e portanto individuos que a bordo usavão de agua de má qualidade e da peior alimentação*". Ou seja, a água e a alimentação distribuída na embarcação era diferenciada de acordo com a classe social do indivíduo.

Em 1870, grande parte da população ainda era composta por escravizados, alforriados, mestiços, escravos de ganho. O crime crescia. A cidade inchava. Parcelas da população excluídas passaram a se concentrar nos subúrbios. Os cemitérios estavam cheios. Os enterros "mais dignos" deveriam ser pagos, bem como o deslocamento do corpo para o enterro. Assim, muitos corpos eram abandonados nas muitas águas da baía de Guanabara. O estado e principalmente a polícia - que acumulava funções de ordem pública, saúde, investigação, condenação para crimes de menor gravidade - precisava dar uma resposta, tanto em relação aos corpos abandonados, quanto para a criminalidade.

A criação de um necrotério fazia-se necessário como parte do atendimento dessa demanda por reconhecimento, encaminhamento e exame de corpos, para fins de investigação. O Necrotério é criado, portanto, como um espaço para atendimento dos desvalidos, assim como a Santa Casa da Misericórdia. No final do Império, eram examinados os corpos dos negros escravizados ou libertos, brancos pobres, marinheiros, estrangeiros sem recursos, homens e mulheres, prostitutas, desempregados. Mesmo durante a República, a partir de 1889, essa era, em grande parte, a maior parcela da população atendida no morgue. Certamente que nos primeiros anos da república, principalmente nas primeiras décadas de 1900, houve uma preocupação em institucionalizar, cada vez mais, a gestão das mortes violentas. Tanto que o Boletim Policial, um periódico oficial da Polícia, reproduz e divulga algumas normativas relativas à obrigatoriedade dos exames de corpo de delito para todos os casos de morte violenta. Proíbe também a realização de necropsias em residências. Ao mesmo tempo retira a atribuição da "verificação de óbito" – associada às mortes naturais – da polícia.

O necrotério municipal foi uma iniciativa da Câmara Municipal e, por isso mesmo, era administrado por um vereador especialmente designado. O mais longevo deles foi Manoel Thomaz Coelho que também acumulava o cargo de perito legista da polícia. Durante seus anos de funcionamento foi palco de muitos embates e críticas que ocorreriam entre os médicos da polícia e os médicos da Academia de Medicina. Construído em 1872 e inaugurado em 1873 na localidade conhecida como Largo do Moura, no bairro da Misericórdia, bem próximo à Santa Casa, em algum ponto onde hoje se encontra a Praça dos Expedicionários e a Praça Marechal Câmara. Foi o primeiro espaço exclusivo e dedicado a este fim onde atuavam os médicos legistas da polícia da antiga Capital do Império. Conforme foi citado, antes, as necropsias não tinham um lugar fixo, podendo ocorrer nos hospitais (principalmente a Santa Casa), nas Casas de Detenção e de Correção, nas

residências. Esse necrotério funcionou de 1873 até o início do século XX, quando teve início uma série de obras, reformas e aterros na região. É importante lembrar que o Necrotério fazia parte de um conjunto de ambientes especializados de perícia que ganhariam forma e função até constituir, no início do século XX o Gabinete Médico-Legal o qual abordaremos ao final. Por exemplo, na época de construção do necrotério, a parte administrativa e de exames de vivos estavam situadas junto ao prédio da Secretaria de Polícia da Capital.

O local onde o primeiro morgue brasileiro destinado exclusivamente ao trabalho de peritos da polícia estava instalado era bastante pitoresco, mas também uma área onde se estabeleceu parte da população mais pobre da cidade; considerada por alguns um local perigoso, por outros degradado, foi descrito pelo cronista João do Rio, do qual destacamos um pequeno trecho retirado do livro "A alma encantadora das ruas":

> "*Há ruas lúgubres, por onde passais com um arrepio, sentindo o perigo da morte – o Largo do Moura por exemplo. Foi sempre assim. Lá existiu o Necrotério e antes do Necrotério lá se erguia a Forca. Antes da autópsia, o enforcamento. O velho largo macabro, com a alma de Tropmann e de Jack, depois de matar, avaramente guardou anos e anos, para escalpelá-los, para chamá-los, para gozá-los, todos os corpos dos desgraçados que se suicidam ou morrem assassinados. Tresanda a crime, assusta...*
> *Eu vinha vindo com o frescor da manhã por aquele trecho da praia de Santa Luzia, tão suave e tão formoso, onde se amontoam as coisas lúgubres da cidade – a Santa Casa, o Necrotério, o serviço de enterramentos. Entre as árvores fronteiras ao hospital vendedores ambulantes vociferavam os pregões de canjica, de mingau, de pães doces; dos bondes pejados de gente saltavam criaturas doentes, paralíticas algumas, de óculos outras. Pelas escadas de pedra lavada formigava constantemente a turba doente, mostrando as mazelas, como um insulto e uma afronta aos que estavam sãos, entre os enfermeiros do hospital, de calça de zuarte azul e dólmã pardo, nédios e sadios. Eu vinha precisamente pensando como gozam saúde os enfermeiros, e aquelas frases maçônicas fizeram-me mal. Parei, consultei o relógio. Os quatro tipos não se ralavam mais com a minha presença. Dois olhavam com avidez os bondes que vinham da Rua do Passeio; dois estavam totalmente voltados para o lado da Faculdade*."

A sequência de fotos abaixo mostra o mapa e a paisagem no entorno do Necrotério, formada pelo casario antigo (já decadente para a época), ruas e becos estreitos, a onipresença da faixa litorânea, com as construções espremidas entre o Morro do Castelo e o mar e a área militar representada pelo "Quartel do Moura" e a ponta do calabouço que compunha o Arsenal de Guerra.

13 Penalva, Pedro Henrique. (2020). Arquitetura de edifícios médico legais: narrativas de um morgue. Jornal Evidência, 11: 71-77.
14 Barreto, Lima. (1923). Mas uma vez. In: Bagatelas, pg 209.

Mapa antigo, mostrando a região onde ficava o Necrotério, assinalado com um círculo. O Largo do Moura ficava em trecho à beira do mar, junto ao Arsenal de Guerra.

Rua da Misericórdia. Por Augusto Malta, 1928. Acervo Digital Instituto Moreira Salles.

Ladeira da Misericórdia e Rua da Misericórdia. Por Augusto Malta, 1921. Acervo Digital Instituto Moreira Salles.

Beco da Batalha. Por Augusto Malta, 1907. Acervo Digital Instituto Moreira Salles.

Quartel do Moura, ao lado do qual ficava o Necrotério. Por Augusto Malta, 1918. Acervo Digital Instituto Moreira Salles.

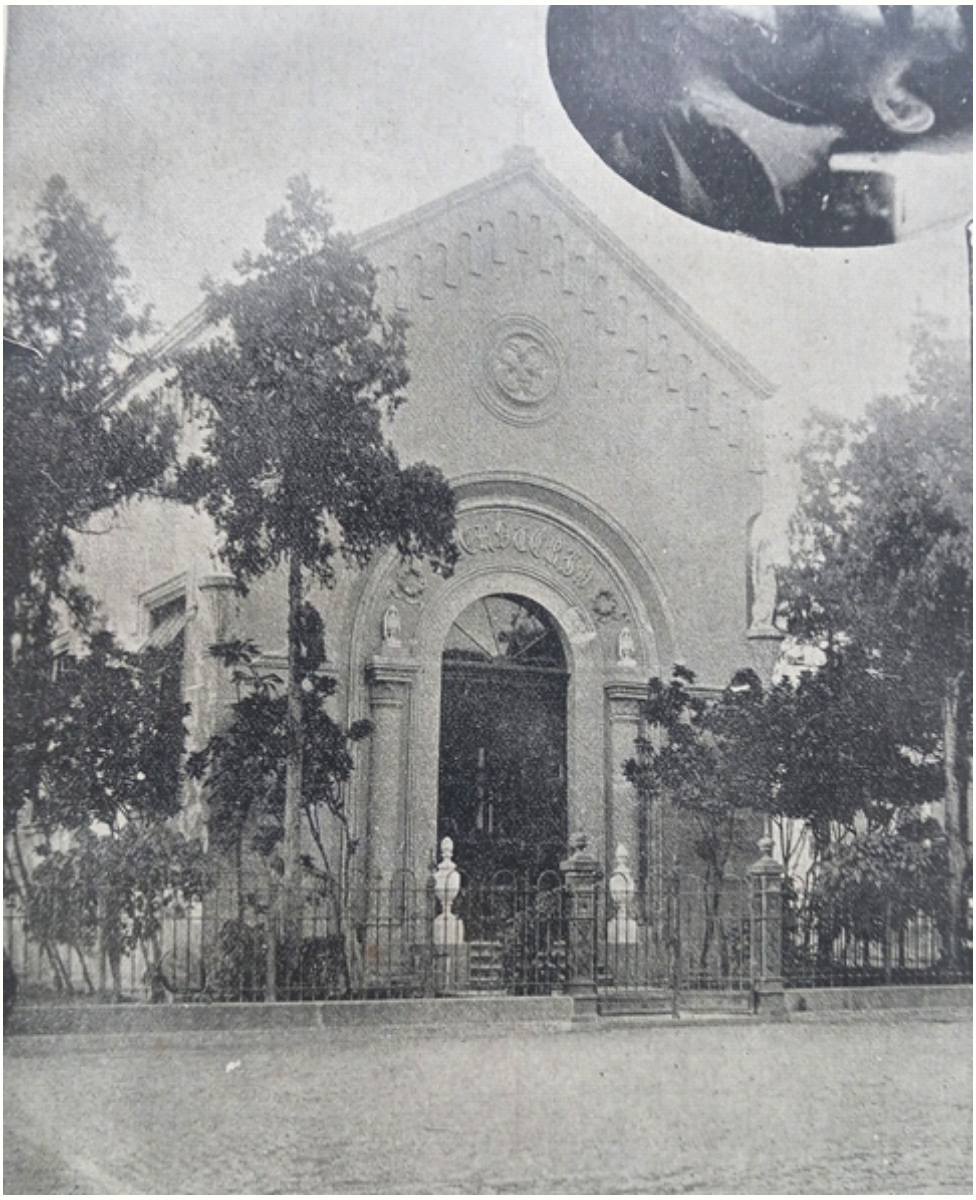
Rua Santa Luzia com o prédio da Santa Casa da Misericórdia. Por Marc Ferrez, 1885. Acervo Digital Instituto Moreira Salles.

Aparentemente o funcionamento do Necrotério Municipal seguia o modelo francês de expor publicamente os corpos em um setor do estabelecimento especialmente designado para esse fim. As pessoas, portanto, tinham livre acesso aos corpos. Tal modelo foi projetado ainda no início dos anos 1800[13]. Uma passagem que ilustra bem essas características do morgue, foi imortalizada na escrita do ilustre escritor Lima Barreto, do qual reproduzimos o início de sua história[14]:

> *"Eu me lembro ainda hoje que, numa tarde de vadiação, há muitos anos, fui parar com o meu amigo, já falecido Ari Toom, no necrotério, no largo do Moura por aquela época.*
>
> *Uma rapariga - nós sabíamos isso pelos jornais - creio que espanhola, de nome Combra, havia sido assassinada pelo amante e, suspeitava-se, ao mesmo tempo marquereau dela, numa casa da rua de Sant'Ana.*
>
> *O crime teve a repercussão que os jornais lhe deram e os arredores do necrotério estavam povoados da população daquelas paragens e das adjacências do beco da Música e da rua da Misericórdia, que o Rio de Janeiro bem conhece. No interior da morgue 2, era a frequência algo diferente sem deixar de ser um pouco semelhante à do exterior, e, talvez mesmo, em substância igual, mas muito bem vestida. Isto quanto às mulheres - bem entendido!*
>
> *Ari ficou mais tempo a contemplar os cadáveres. Eu saí logo. Lembro-me só do da mulher que estava vestida com um corpete e tinha só a saia de baixo. Não garanto que estivesse calçada com as chinelas, mas me parece hoje que estava. Pouco sangue e um furo bem circular no lado esquerdo, com bordas escuras, na altura do coração.*
>
> *Escrevi - cadáveres - pois o amante-cáften se havia suicidado após matar a Combra – o que me havia esquecido de dizer.*
>
> *Como ia contando, vim para o lado de fora e pus-me a ouvir os comentários daquelas pobres pierreuses de todas as cores, sobre o fato".*

Definitivamente o Necrotério era um lugar popular. No início do século XX, a Revista da Semana, um dos primeiros periódicos a utilizara fotografia para ilustrar as reportagens, faria reportagens constantes, onde a sala de autópsias e os corpos examinados teriam presença rotineira nas páginas do semanário. Aliás, essa foi a fonte original das fotografias apresentadas a seguir, uma vez que a memória do necrotério antigo parece ter sido apagada ou esquecida dos arquivos públicos. A Revista da Semana pode ser encontrada na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, digitalizada. Mas as imagens não apresentam qualidade suficiente para reprodução, pois foram reproduzidas a partir de microfilmes. Assim, foi preciso acessar o original, diretamente na Biblioteca Nacional.

A primeira foto, de qualidade melhor, apresenta a fachada do prédio imponente, com portal apresentando a inscrição em letras góticas: "Necrotério". Aliás a inspiração do prédio é gótica. Na lateral, a construção era cercada de pinheiros. E na parte dos fundos ficava o mar, onde houve a construção de um cais em 1874, a fim de "*resguardar do embate das ondas nos dias de ressaca e facilita o desembarque dos cadáveres encontrados no mar*"[15]. A segunda foto, de pior qualidade, feita anos depois, mostra algumas pessoas à frente da fachada, indicando as proporções do edifício.



Necrotério do Largo do Moura: detalhe da fachada

15 A Nação, 1874, ed 223. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Necrotério do Largo do Moura: detalhe das dimensões em relação às pessoas.

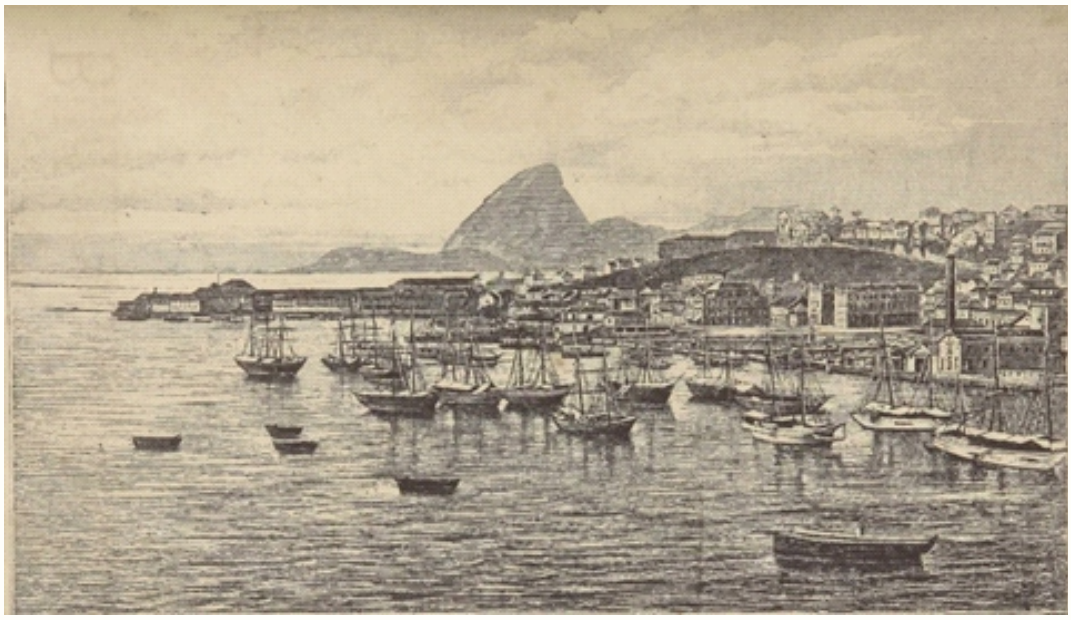
Entretanto, a descrição mais fiel seria encontrada em um "Guia do Viajante", de 1884[16], do qual transcrevemos o trecho correspondente.

> "*Eis a descrição do Necrotério, retirada do Guia do Viajante do Rio de Janeiro de 1884: "Levanta-se no largo do Moura, do lado do mar. É destinado para deposito de cadáveres humanos encontrados nas ruas e praias. A sua pedra fundamental foi lançada a 26 de fevereiro de 1872 e ficou concluído no mesmo ano. É de estilo gótico. Nas faces laterais do pequeno edifício vêem-se dois painéis em alto relevo que representam o do lado esquerdo de quem entra o enterramento e o do lado direito a ressurreição de Jesus Cristo, e nos ângulos quatro anjos trabalhados em barro cozido. Orna a sala principal do interior a imagem de Nossa Senhora da Piedade em um nicho em frente à entrada. Nesta sala há quatro mesas de mármore para se exporem os cadáveres. Ao fundo do edifício, que é circulado de ciprestes, abre-se um cais e uma escadaria para desembarque de cadáveres encontrados no mar. Desde a sua fundação tem recebido 1865 cadáveres. Acha-se aberto das 6 horas da manhã ás 6 da tarde, mas os cadáveres são recebidos a qualquer hora*".

16 Guia do Viajante no Rio de Janeiro. (1884). Disponível na Biblioteca Digital Brasiliana Guita e José Mindlin (USP).

O Necrotério atraía a atenção não só por sua função e a possibilidade de acesso para visualização dos corpos expostos. A arquitetura peculiar e característica também devia impressionar. Esse foi o caso de um alemão, de passagem pelo Rio de Janeiro, que fez questão de descrever o "morgue" da capital em seu livro *"Bilder aus Brasilien".*[17] O autor, Koseritz, também adentraria a construção e se depararia com o corpo de um possível inglês que o impressionou. Mais um corpo retirado das águas da baía de Guanabara...Ele assim, descreve a construção:

> "Estamos no "Nekroterio", o morgue do Rio de Janeiro, que foi construído em 1872, por incentivo do grande orador Riograndense, Ferreira Vianna quando era presidente da Câmara Municipal. Em uma cidade grande como o Rio, que tem mais de 400.000 moradores, acontece quase todos os dias de pessoas desconhecidas morrerem nas ruas, em decorrência de acidentes, etc.. E aí é preciso que haja um lugar onde os cadáveres possam ser vistos para que conhecidos, amigos e parentes podem reconhece-los. É assim que o Morgue de Paris, e todas as grandes cidades têm Institutos similares, mas não tão bonito, estiloso, quase poético quanto o prédio do Necrotério do Rio".



"*Der Hafen von Rio de Janeiro*" – o porto do Rio de Janeiro, ilustração do livro "*Bilder aus Brasilien*". Na fotografia o detalhe do Morro do Castelo, ainda presente.

Algo que também gerou alguns embates foi, por incrível que pareça, a imagem de Nossa Senhora da Piedade, existente no salão da construção destinada a receber os corpos da capital do Império. Em 1873, em sua inauguração, o necrotério seria abençoado pelo bispo diocesano Dom Pedro de Lacerda[18], além de receber a visita do Imperador do Brasil, no dia 21 de agosto do mesmo ano[19]. No entanto, com o advento da República, a separação entre Igreja e Estado seria um tema recorrente e relevante para parte dos políticos, pensadores e jornalistas. Em relação à essa discussão, o positivismo teve papel relevante. Mesmo porque

17 C. von Koseritz. (1885). Bilder aus Brasilien. Disponível na Biblioteca Digital Brasiliana Guita e José Mindlin (USP).

18 Dr. J. A. Teixeira de Mello. (1881). Ephemerides Nacionaes. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Noticias. Disponível na Biblioteca Digital Brasiliana Guita e José Mindlin (USP).

19 A Regeneração, 11 de setembro de 1873.

houve ampla difusão dessa filosofia em nosso país, não sendo poucos os adeptos de suas ideias e conceitos. Por conta disso, o Intendente de Obras e Viação Geral Tasso Fragoso defendeu a remoção de imagens existentes em departamentos públicos, para a Escola de Belas Artes, em especial a imagem de Nossa Senhora da Piedade localizada no necrotério municipal. O jornal católico "O Apóstolo" publicou uma série de críticas à iniciativa em janeiro e fevereiro de 1892. Não foi possível determinar se a imagem de fato fora removida. No entanto, na Revista do IPHAN, nº 4, ano de 1940 outra polêmica foi retomada. Alguns alegavam que o altar onde a imagem era exibida teria sido feito por Mestre Valentim. No entanto, segundo esclarecimentos do Padre Frota Gentil, reitor da Igreja de Nossa Senhora do Parto, o altar seria recente, e "*foi feito nos primeiros anos desse século, quando o Monsenhor Jerônimo Rodrigues de Carvalho conseguiu a transferência para a Igreja de Nossa Senhora do Parto da mencionada imagem da Piedade, exposta até então no Necrotério*". Os pesquisadores do IPHAN também examinaram o altar e verificaram que nem a madeira e nem a técnica adotada na feitura apresentavam características de material ou de trabalho antigo. Quanto à imagem, ela deve ter permanecido na Igreja de Nossa Senhora do Parto, localizada entre a atual Rua São José e Rodrigo Silva. Pelo menos até a demolição da igreja antiga...

Caso 1

Finalmente o de um preto, cujo habito externo apresentava apenas leves excoriações em varias regiões do corpo, e manchas de tinta verde no labio superior e outras. Feita a autopsia, pela abertura do ventre, verificou-se a existencia de grande quantidade de uma substancia verde que/enchia por assim dizer o estomago e intestinos. De momento, para mostrar aos alumnos a natureza daquella materia, lancei mão de um pouco de ammonia e derramei-a sobre ella, que tomou uma côr azul celeste: ficou assim evidente que se tratava de um preparado de cobre, de urna dessas tintas verdes usadas na pintura. À vista deste resultado parecia natural a conclusão de que o dito preto havia sido victima de um envenenamento, e que restava sómente determinar si era este um caso de suicídio, de homicidio ou accidente.

Obedecendo, porém, aos preceitos das autopsias judiciarias, fiz proseguir na abertura das outras cavidades, e foi-se encontrar um grande derramamento sanguineo na pleura esquerda, e fractura de nove costellas desse lado, em mais de um ponto em quasi todas, determinando pelos pontos fracturados ferimentos multiplos do pulmão, e d'ahi a liemorrhagia intra-pleuritica.

Segundo ficou depois averiguado, a este grande traumatismo interno succumbiu o individuo, antes do que á acção do veneno, porquanto a analyse chimica não revelou a sua presença nos órgãos, não tendo pois sido absorvido. Restaria no caso vertente a questão de saber si aqueile traumatismo fôra o effeito de queda ou pancada, e ainda na Ia hypothese si ella fôra voluntaria ou accidental, o que tudo dependia de minuciosa syndicancia.

Este facto interessantissimo proporcionou uma dupla lição aos alumnos, que tiveram occasião de ver: 1° a existencia de um traumatismo interno tão consideravel, sem a minima lesão externa correspondente; 2° a necessidade imprescindivel de completar a autopsia, e proceder ao exame de todas as visceras contidas nas tres cavidades, ainda que desde a primeira se tenham encontrado lesões que expliquem suffiientemente a morte.

Muito ha que fazer ainda em relação ao ensino prático da medicina legal ; muito tem. elle que esperar da solicitude dos poderes competentes para que dê os resultados desejados.

Caso 2

O 3° caso, finalmente, é o de uma ossada velha, encontrada dentro de um pequeno caixão de madeira, achado no forro de uma casa em obras na rua do Ouvidor. Problema vago e indeterminado, interessante pela sua novidade no curso official da cadeira, pois é a primeira vez que se offerece ao estudo dos alumnos no Necroterio, e sobre o qual occupei a sua attenção mostrando quaes os dados relativamente importantes que ainda se podiam colher para auxiliar a policia nas investigações ulteriores. Existindo o esqueleto quasi todo inteiro, faltando sómente algumas vertebras e pequenos ossos das extremidades e havendo uma porção de cabellos, podia-se chegar a algumas indicações precisas ou muito approximadas de grande valor para a solução do problema. Assim, examinados com attenção os ossos, reconstituido o esqueleto, era possivel determinar a raça, o sexo, e a estatura do individuo, e approxirnadamente a idade e procurar lesões osseas que servissem como elementos de identidade de pessoa, ou podessem ter alguma relação com a causa da morte do individuo a que pertencia a ossada. — Debaixo deste ponto de vista, chegámos ás seguintes conclusões: Esqueleto de mulher branca ou mestiça, idade presumível 35 a 50 annos, estatura — lm,40, tempo de inhumação datando provavelmente de mais de 20 annos.

Corpo na mesa de "autopsia" (termo utilizado na época) do Necrotério Municipal. Foto publicada pela "Revista da Semana" em 1900.

O fim do necrotério municipal e o início do necrotério do Serviço Médico-Legal

No início do século XX a região do bairro da Misericórdia onde estava instalado o necrotério passaria por amplas reformas na famosa remodelação da cidade encampada pelo prefeito Pereira Passos. No local, foi construído o Mercado Municipal, junto à Praia Dom Manuel, inaugurado oficialmente em 1907. Em 1922 a região sofreria uma nova remodelação para a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil. Na ocasião, foi finalizado o desmonte do Morro do Castelo.

Após o fechamento do necrotério municipal, os peritos legistas passaram a utilizar o necrotério da Santa Casa da Misericórdia. Uma parte do serviço médico-legal, no entanto, continuaria junto à Secretaria de Polícia na Rua do Lavradio e em outros espaços da cidade. O Boletim Policial de 1907 (edição 8) descreveu em detalhes a estrutura do Serviço Médico Legal desse período:

> "No dia 15 do mez próximo passado inaugurou-se o novo serviço medico-legal, creado pela actual administração e dirigido pelo Dr . Afranio Peixoto, dispondo de todos os recursos modernos e montado muito intelligentemente. Damos abaixo a descripção detalhada do serviço. O serviço medico-legal compõe-se actualmente de uma parte exercida nas delegacias (corpos de delicto, exames de sanidade e validez), estando a cidade dividida para isto em seis postos, onde se encontra um medico designado para todos os trabalhos da zona; e de uma parte no necroterio, no Hospital da Santa Casa da Misericordia, onde são autopsiados todos os casos de homicidio, suicidio, morte subita e morte accidental por desastres, etc.; de outra parte na Repartição Central, à rua do Lavradio, onde vão ter os loucos indigentes do Districto Federal e que, depois do exame, vão sendo enviados ao Hospicio Nacional, e, finalmente, das secções que se reunem. na instalação actual da rua Mem de Sá. Ali se acham agrupadas a directoria, bibliotheca, museu, sala de exames gynecologicos, laboratorios de chimica e de microscopia. Na sala da directoria, mobiliada severamente, mas com bastante conforto, acham-se mappas demonstrativos, éstatisticas, etc., do serviço e belas estantes contendo um numeroso stock de livros da especialidade, alinhados com muito gosto, com suas capas e dorso escarlates, em numero de mais de 500. A colecção é rica em todos os tratados e livros classicos de medicina legal, psychiatria, criminologia, chimica toxicologica, sciencias connexas, em francez, inglez, alemão, italiano, portuguez e hespanhol..."

Com a construção do Palácio da Polícia, em 1910, parte do serviço médico legal seria transferido para o prédio novo, sendo que o Necrotério ficava em:

> "edifício aparte, de um só pavimento, do lado da Rua da Relação, e foi instalado obedecendo as menores exigências do serviço, de modo a poder ser considerado modelar. Além da sala de autopsias, com archibancadas para assistência,

podendo servir para as aulas práticas dos alunos da Faculdade de Medicina, tem mais as seguintes salas: do administrador, do preparo para os cadáveres a autopsiar, depósito com nove mesas, sala para exposição de cadáveres conservados e sala dos médicos. Todo o material é novo e dos mais aperfeiçoados" (Boletim Policial, 1910, ed 82, pg 217).

Começava uma nova etapa, cujo necrotério passaria a ser definitivamente incorporado à estrutura do Serviço Médico-Legal, não só como espaço de atividade especializada, mas como local mais representativo da atividade dos peritos legistas e indissociavelmente ligado à administração central. Porém, a reunião em um único ambiente, de todos os serviços médico-legais, só ocorreria em 1949. O prédio novo do Instituto Médico-Legal, projetado especialmente para este fim, reunia o que havia de melhor na área. Mas essa é outra história...

BOLETIM POLICIAL 215

Palacio da Policia

Inaugurou-se solemnemente no dia 5 de novembro o Palacio da Policia, com a presença do Exmo. Sr. Presidente da Republica, Ministro da Justiça, Chefe de Policia, Presidente da Côrte de Appellação, General Commandante da Força Policial, Drs. Alfredo Pinto e Albuquerque Mello, ex-chefes de policia, alto funccionalismo da policia e outras muitas pessoas gradas.

O acto teve lugar ás 3 horas da tarde, após haver percorrido todas as novas dependencias o Sr. Presidente da Republica.

No grande vestibulo foram collocadas duas artisticas placas de bronze, commemorativas do inicio da construcção e da sua inauguração.

Na da direita lê-se :

« FOI MANDADO CONSTRUIR NO GOVERNO DO EXMO. SR. DR. ANTONIO PENNA, SENDO MINISTRO DA JUSTIÇA O SR. DR. A. T. LYRA E CHEFE DE POLICIA O DR. ALFREDO PINTO V. DE MELLO ».

E na da esquerda :

« FOI INAUGURADO NO GOVERNO DO EXMO. SR. DR. NILO PEÇANHA, SENDO MINISTRO DA JUSTIÇA O SR. DR. ESMERALDINO O. T. BANDEIRA E CHEFE DE POLICIA, O DR. CAROLINO DE LEONI RAMOS ».

Conclusão

O objetivo desse trabalho não foi só resgatar parte da história do serviço médico legal ou da medicina legal aplicada. De certa forma, a ideia foi de mostrar, também, como o trabalho da perícia impacta e é ao mesmo tempo impactado pela cultura e formas de pensar predominantes em certa época. "*Zeistgeist*" é a palavra alemã que melhor expressa esse "espírito dos tempos". É interessante notar como esse espírito permeia as relações entre o estado e a vida íntima das pessoas. A história do necrotério mostra como um espaço de trabalho foi sendo delineado e até construído socialmente, pela convergência de questões éticas, culturais, sociais, políticas. Um verdadeiro palco onde concepções distintas provenientes de diferentes grupos sociais, além de valores erigidos em diferentes momentos da sociedade, passaram a conviver e competir entre si, na forma de conceitos e preconceitos. Muitas dessas formas de pensar e/ou atuar acabam, inclusive, permanecendo para além de seu tempo de produção, de forma quase extemporânea. Por exemplo, a rigor, somente nos primeiros anos do século XXI poderíamos dar como finalizado o processo de o necrotério estar definitivamente associado à estrutura do serviço médico legal, no Rio de Janeiro. Se na capital, o necrotério deixou de ser um anexo de outras instituições, como hospitais e cemitério no início dos anos 1900, essa realidade permaneceria igual em diversas cidades de fora da capital. Assim, até os anos 2000 era comum que as necropsias de municípios afastados ou mesmo próximos à cidade do Rio de janeiro, fossem realizadas em cemitérios municipais e salas de hospitais. Tal qual era feita pelos chamados "médicos de partido", profissionais contratados pelas municipalidades e que acumulavam funções diversas, incluindo vacinação, verificação de óbito e perícias de natureza criminal. Com a construção dos chamados Postos Regionais de Polícia Técnico-Científica (PRPTCs), finalmente a perícia do interior do estado incorporou o necrotério ao ambiente de trabalho do perito legista. Mas foi preciso um longo século...

No centro dessa disputa esteve o próprio corpo humano morto como substrato, centro polarizador, o qual passou a servir de base para a construção de saberes especializados – a medicina legal; e de conhecimentos institucionalizados – o perito da polícia. Mas também, foi a partir do corpo morto que se edificou o modelo de arquiteturas específicas e espaços de acolhimento, resultando no próprio Necrotério Municipal. Para além disso, o trato com o corpo reúne em torno de si, construções filosóficas e religiosas e ainda humanas, de respeito, finitude e imortalidade.

Os peritos legistas operam, portanto, em vários sistemas de representações sociais e culturais. Mesmo que não se deem conta, o seu trabalho, a forma como lidam com o corpo e até o examinam impacta diretamente nessas representações e é por elas influenciada. O exame pericial não tem como resultado somente o auxílio à solução de um crime. Isso seria reduzir muito o trabalho desses profissionais. É muito mais do que isso. É o quanto a coletividade, representada pelo papel do estado, cuida de seus cidadãos. Trata-se de como

esses cuidados são estabelecidos, para quem é destinado, que tipos de pessoas devem receber, ou não, certos cuidados. Para além da categoria "humano" existem ou devem existir outras categorias? pessoas pretas, pessoas brancas, pessoas de bem, pessoas de bens. Há diferença? Mulheres de vida fácil, mulheres de vida difícil ou apenas mulheres? Homens que merecem morrer, homens que merecem viver, homens que parecem viver, ou apenas homens? E isso tem a ver com os valores e o quanto de humanidade é distribuída aos homens pelos homens, no momento da morte e de um tipo de morte específica em que o estado estabelece ritos também específicos e burocráticos. Mas que não são de todo esvaziados de sentido humano, apesar de a burocratização da morte do estado querer reduzir o homem ao abjeto. Mas nunca é assim.

Toda essa "história" serve para mostrar justamente esse incessante movimento de construção de verdades e valores, cujo perito tem papel relevante na produção de sentidos e direcionamentos, para muito além de "produzir provas para o processo criminal".

E não poderíamos deixar de citar a questão dos corpos que se quis esconder ou abandonar; negros, pobres, excluídos, indesejados de toda a sorte. Os ossos de muitos ainda jazem sob nossos pés em pleno centro urbano da cidade do Rio de Janeiro. Corpos que contribuíram, em vida, com a construção de nossa sociedade e cultura, que movimentaram a economia e produziram riqueza e que, mesmo na morte, serviram para que se acumulasse conhecimentos, através das investigações científicas. Essa "história", portanto, também serve para refletirmos sobre esses homens e mulheres que ajudaram a construir o Brasil e foram "esquecidos". E mais, para que possamos olhar o presente e analisarmos de forma crítica quais continuidades indesejadas permanecem ainda hoje em nossa sociedade, na forma de preconceitos, violências, intolerâncias, por motivo de cor, sexo, condição social.

Sobre o autor

Alexandre Giovanelli é Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro desde 2001. Possuiu graduação em biologia (1996) e mestrado (2000) em ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (2005) e Pós-doutorado em direitos humanos pela Universidade Católica de Petrópolis. Lotado no Instituto de Pesquisa e Perícias em Genética Forense, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Aspectos Impressionantes de Uma Visita ao Museu do Instituto Medico Legal

Rememorando Grandes Crimes, Tragedias Sensacionaes e Suicidios Celebres

O museu do Instituto Medico Legal, embora não seja da maioria dos leitores conhecido, é uma dependencia desse instituto pericial que tem prestado relevantes serviços. Não somente no esclarecimento posterior de muitos delictos, que não consegue a policia elucidar no momento — o que por si só explicaria a sua existencia — mas tambem, e principalmente, na diffusão dos conhecimentos dessa sciencia que cresce dia a dia, com o succeder dos annos, e cada vez mais necessaria se torna á justiça. Realmente a perpetuação no gesso ou mesmo a permanencia por muitos annos na cêra daquelles detalhes mais instructivos dos grandes crimes, dos suicidios emocionantes, dos atropelamentos tragicos, constitue um subsidio aproveitavel para estudo dos futuros legistas.

O professor Alberto Baldissara, modelador de anatomia da Faculdade de Medicina e do Instituto Medico Legal, tem conquistado para o nosso paiz medalhas e premios nas grandes exposições internacionaes

E ali, no museu do Instituto Medico Legal, que até bem pouco tempo era apenas um deposito de peças amontoadas, sem a maior ordem, hoje as mãos habeis do prof. Baldissára modelam e organizam obras que estão a affirmar, como indice de operosidade, o adeantamento daquella arte entre nós.

E, durante o anno, o prof. Antenor Costa, com aquella bondade tão caracteristica sua alliada ao conhecimento seguro e amplo das questões de medicina legal, ministra a turmas successivas de alumnos valiosos conhecimentos. Evidentemente é esta uma obra que merece ser realçada.

Da rapida visita que o DIARIO CARIOCA realizou a este estabelecimento-modelo, que é hoje o nosso Instituto Medico Legal, ficaram alguns detalhes. No museu particularmente, onde mais nos detivemos, ficaram bem vivas algumas lembranças.

Aqui o prof. Antenor Costa faz as vezes de cicerone.

— Eis o busto da celebre slava Stella Stwick, assassinada barbaramente com muitas facadas!

— O marinheiro japonez, que chegado ao nosso porto e repreendido pelo commandante do navio, quasi secciona o pescoço com um golpe de navalha!!

O prof. Antenor Costa, um dos mais illustres medicos legistas e organizador de uma interessante estatistica do movimento do Instituto

E muitos outros casos são apontados mais impressionantes ainda.

O prof. Antenor Costa nos vae relatando pormenorizadamente todas estas grandes tragedias. Por vezes elle se detem para alludir a um suicidio mais importante. E é sempre com palavras de pesar que faz referencias a estes gestos doidos.

Algumas das suas mais impressionantes narrativas procuraremos reproduzir, não com o intuito de fazer alarde em torno de acontecimentos tristes, ao redor das grandes tragedias, mas tão sómente afim de que a sociedade lembre-se dos grandes perigos que existem no seu seio e precavenha-se. Para que ella saiba descobrir no meio dos homens os criminosos, os forjadores de tragedias, não para condemnal-os e encarceral-os, mas para tratal-os como é de mistér, doentes e tarados que o são.

Seria mesmo para se desejar que o museu do Instituto Medico Legal fosse dado á visitação publica!

Talvez assim, á vista daquelles quadros impressionantes, recalcasse o seu desejo desvairado o candidato a suicida e se refreasse o criminoso.

Talvez fosse esse um do s meios para se realizar entre nós a prophylaxia do suicidio, a repressão ao homicidio.

Ahi fica o appello ao dr. Salles, digno director do Instituto Medico Legal, que tão fidalgamente nos acolheu e conduziu na visita que fizemos.

O ASSASSINIO MYSTERIOSO DE STELLA STWICK

Quem não se lembra da morte da slava Stella Stwick?

Por certo todos pódem rememorar, com facilidade o assassinio da pobre mulher, no seu quarto pequeno de prostibulo sordido, naquella manhã chuvo-

Foi em 1929. O anno findava já — 14 de dezembro — e a cidade viveu dias de grande emoção acompanhando os detalhes sensacionaes da diligencia policial.

Encontrada no seu modesto [illegible]

O Mysterioso Assassinio da Slava Stella Stwick -- O Crime e a Infancia

Uma Estatistica Preciosa Organizada Pelo Prof. Antenor Costa

1.608 Pessoas Mortas Por Accidentes — O Automovel e o Trem na Vanguarda

Stella Stwick, cujo assassinio permanece ainda envolvido em mysterio

lito n. 205, com as vestes ensanguentadas, com as carnes dilaceradas por innumeras punhaladas, a morte da infeliz slava mergulhou em impenetravel mysterio, no qual até hoje permanece.

Uma figura de homem preoccupou o espirito da policia desde os primeiros dias de pesquizas. O chileno Baldino Encina, viu-se ás voltas com uma série de coincidencias compromettedoras. Mas nada ficou contra elle definitivamente provado.

Foi posto em liberdade.

No mez de novembro do anno de 1932, surgiu na delegacia do 9º districto, olhos esbugalhados, cabelleira desfeita, um homem exclamando com toda a força dos pulmões:

— Fui eu quem matou a Stella! Assassinei-a a facadas!

A nova espalhou-se pelos quatro cantos da cidade como todas as noticias de sensação.

Estava descoberto o fio do matador de Stella!

Com o tempo, porém, e com as interrogações cada vez mais minuciosas do commissario, chegou-se á conclusão de que o homem — ex-soldado da Policia, José Cardoso Taveira — era apenas doido...

Posto em liberdade o maluco, voltou o caso mysterioso para o archivo.

Será algum dia desvendado?

Em nossa visita ao Museu do Instituto Medico Legal, deparámos com o busto da infeliz mulher, modelado em gesso.

Trabalho primoroso do professor Baldissára.

GOSTAVA DE MOSTRAR AOS CONHECIDOS O COFRE CHEIO...

Mão costume tinha o Manoel dos Passos Vianna, honrado commerciante estabelecido em Ramos. Pessimo habito de expor a todo o mundo o seu cofre repleto de dinheiro! O botequim, á rua Urumos n. 37, vendia regularmente e via-se realmente que o "seu" Manoel ficava rico.

E teria ficado mesmo não fosse a sua vaidade exaggerada.

Certo dia como tivessem constatado que de facto havia muito dinheiro no cofre dois individuos, conhecedissimos naquellas paragens: Mario Spinola e "China", diliberaram furtal-o.

Concertaram o plano e puzeram-no em pratica sem perda de tempo. Spinola, tendo se empregado como caixeiro, tratou de observar os habitos do negociante. Não foi necessario muito tempo para que elle se inteirasse das menores particulares da vida do patrão.

E dentre estas uma interessou-o particularmente:

Mesmo para evitar roubos em sua casa o sr. Passos Vianna costumava pernoitar no botequim. Além do mais era economico, pois elle dormia mesmo sobre as cadeiras.

Em dia previamente combinado fechou Spinola a porta dos fundos do botequim e deixou-a de maneira facil para ser novamente aberta por qualquer pessoa que se encontrasse no exterior.

Alta madrugada do dia 10 de fevereiro de 1925, os audaciosos ladrões, armados de machado, penetraram no botequim e a poder de golpes violentos conseguem matar o negociante.

O commerciante de Ramos assassinado em seu botequim

Ninguem ouviu o menor ruido que pudesse dar margem a desconfianças no decorrer da noite. No dia seguinte, porém, o botequim não abriu. Dia adeantado arrombaram-no. Lá estava o pobre commerciante banhado em sangue. O cofre, aberto pelo seu empregado, estava completamente vasio.

A policia entrou, em diligencias. Spinola foi preso e cumpre pena. O outro desappareceu.

O professor Alberto Baldissara fez a mascara do morto, que reproduzimos.

SEMPRE O CIUME

Em uma das photographias que estampamos — todas colhidas no Museu do Instituto Medico Legal — uma existe que chama logo a attenção. Assim acontece tambem ao visitante que se dispõe a observar as modelagens do professor Baldissára.

E' a figura de uma mulher de côr escura e cabellos negros, com horrivel ferimento no pescoço.

E' a mascára de Josepha Corrêa de Lima, a desditosa mulher que em 1928 fôra degolada pelo companheiro, um empregado do Arsenal de Marinha.

Foi no dia 17 de agosto.

Em um modesto casebre da estrada d. Pedro de Alcantara, no Realengo, desenrolou-se o drama brutal.

A pacata população da longinqua localidade, teve logo sciencia do acontecimento tragico e deplorou por muito tempo, tivessem sido nella envolvidas pessoas estimadas de Realengo.

A Assistencia e policia compareceram sem demora.

José Corrêa de Araujo, operario do Arsenal de Marinha, de 36 annos, amaziára-se com Josepha Corrêa, ha cinco annos, em 1922. Durante muito tempo viveram na maior calma, em ambiente de sympathia e felicidade.

Mais tarde, como o operario tivesse que se ausentar da casa, para trabalhos noturnos, começou a desconfiar de que a companheira, na sua ausencia, andasse de amores com certo individuo, residente proximo.

O ciume!

Algum tempo decorrido e aquella idéa já havia se apossado por completo do pobre homem. No seu cerebro, povoado de negros pensamentos, germinava a idéa de uma vingança, de um revide, antes mesmo de ter certeza.

Cresceu o plano terrivel e naquella madrugada, ao chegar á casa, sem que encontrasse — como nos outros dias — qualquer circumstancia que depuzesse contra a fidelidade de sua companheira, põe em pratica o plano que concertára nos momentos de rancôr.

José Corrêa de Araujo que, após ter degolado a sua companheira, voltou contra o proprio peito a navalha de que se servira para degolal-a, foi removido em estado desesperador

Josepha Corrêa, que foi assassinada em Realengo, pelo proprio marido

para o Hospital de Prompto Soccorro.

Lá está no Museu do professor Baltissára, com os musculos e vasos do pescoço á mostra, impressionante, o busto de Josepha Corrêa, sacrificada em holocausto ao desvairado ciume do seu companheiro.

O CRIME E A INFANCIA

Eis uma triste consequencia da má educação da Infancia — Este menino é assassinado a tiro de garrucha por seu pequeno companheiro de apenas 13 annos

Dentre os innumeros trabalhos existentes no Museu do I. Medico Legal, ha varias modelagens de ferimentos mortaes occasionados por crianças.

Estampamos mesmo algumas photographias destas modelagens, não por julgarmos taes delictos em si merecedores de um registo especial, mas por se terem visto nelles envolvidas crianças ainda, algumas de tenra edade.

Em todas as narrações que nos fez o prof. Antenor Costa a respeito de taes occurrencias, vimos sempre que os crimes produzidos por crianças observam-se com notavel maioria, no seio das familias de educação duvidosa ou má.

Aliás, este factor — educação — é tido pelos grandes estudiosos do assumpto em plano de destaque.

Por mais de uma vez se tem chamado aos poderes que cuidem com mais attenção da infancia, porque é nesta edade que muitas vezes germina toda esta orla de sentimentos abominaveis.

Muito se teria a falar desse assumpto e innumeros homens de notavel saber têm cuidado delle, apontando sempre á sociedade os grandes males decorrentes da falta de assistencia á infancia.

Entre nós poderiamos citar muitos nomes, felizmente.

As modelagens que se encontram no Museu do Instituto Medico Legal, mais do que tudo, constituem um aviso aos homens.

Outro crime impressionante em que se viram envolvidas crianças — O assassino desse menino tinha apenas 6 annos

ALGUMAS PALAVRAS COM O DOUTOR ANTENOR COSTA

O dr. Antenor Costa que além das suas funcções de medico legista desempenha tambem o cargo de professor, presta-nos ao final da visita interessantissimas informações acerca do movimento geral do Instituto Medico Legal.

Uma estatistica por elle organizada, com precisão e habilidade, nos põe ao correr do movimento daquelle estabelecimento durante varios annos.

"O numero de mortes violentas entre nós, começa o prof. Antenor Costa, é bem maior do que parece á primeira vista. Os homicidios, os suicidios e, principalmente os accidentes lethaes representam, com effeito, um notavel contingente na mortalidade geral da nossa cidade.

As estatisticas por mim organizadas, referentes ao movimento do Necroterio do Instituto Medico-Legal no quinquennio 1927-1931, não só provam o que acabei de dizer quanto ao vulto das mortes violentas, como nos fornecem alguns dados interessantes sob outros aspectos.

QUASI ONZE HOMICIDIOS POR MEZ

Para corroborar as suas palavras, o dr. Antenor mostra-nos a sua interessante estatistica.

E continúa.

"Verifica-se, por exemplo, que durante esse periodo de 5 annos, em um total de 4.573 mortes desse genero, 2.842 foram causadas por accidente, 1.071 por suicidio e 660 por acção criminosa, o que corresponde, quanto ao ultimo grupo, a quasi 11 crimes de morte por mez, coefficiente por demais elevado em se tratando de um centro civilizado como o Rio".

— E nestes dois ultimos annos tivemos augmentados ainda estes numeros?

— Não. Embora não tenha realizado ainda as estatisticas de 1932 e 1933, tenho felizmente a impressão de que esse coefficiente baixou muito nesses dois annos.

Como Se Suicida no Rio de Janeiro?

Haviamos notado já que entre 4.573 mortos que passaram pelo Instituto Medico Legal, 2.842 foram em consequencia de suicidio.

Em vista disso inquirimos o dr. Antenor sobre o suicidio.

Promptamente elle satisfez a nossa curiosidade, sempre com o auxilio da sua preciosa estatistra.

— "Relativamente ao suicidio, adeanta-nos, convém assignalar certas preferencias, conforme os sexos e as occasiões. Assim, durante esses cinco annos suicidios por fogo nas vestes de fogo, 242 foram de homens e apenas 15 de mulheres. Em compensação estas predominam nos suicidios por fogo nas vestes, pois que em 271 casos occorridos no referido periodo, 256 eram de mulheres e apenas 15 de homens.

Devo dizer que esse modo barbaro e repellente de morte, quasi desconhecido na Europa (onde as mulheres preferem o oxy-

Este homem foi assassinado a golpes de machado por um garoto que tinha por empregado. Outro crime de criança!

do de carbono), é proprio de gente de condição inferior do nosso meio".

— E o enforcamento?

— O enforcamento é um dos recursos preferidos pelos homens (70 homens e só 10 mulheres).

Já no suicidio por veneno, os sexos se equilibram, figurando na minha estatistica 142 homens para 140 mulheres.

O espirito de imitação, quer na realização do suicidio, quer na escolha do meio empregado, é um facto notorio. Basta, em geral, a occorrencia de um certo meio de suicidio, mesmo excepcional, para que se estabeleça logo uma série de casos analogos. No anno que vem de findar, tivemos uma série de suicidios por tiro na bocca e pela ingestão de cabeças de phosphoros.

Sabiamos já que por accidentes são victimadas muitas pessoas e indagamos então acerca de sua frequencia.

Quanto ás mortes por accidente, o maior numero é for-

O enforcamento é meio muito usado pelos suicidas. Eis uma das interessantes modelagens do prof Baldissára de um enforcado com um cipó

CONSTRICÇÃO DO PESCOÇO
O QUE SE DEVE SABER

NECK CONSTRICTION - WHAT YOU SHOULD KNOW

Claude Jacques Chambriard e Leandro Henrique de Almeida da Silva

RESUMO

Na prática diária das lutas marciais, assim como nas atividades relacionadas com os serviços de segurança, as técnicas de constrição do pescoço são rotineiramente utilizadas para conter e imobilizar o oponente/agressor e, devemos conhecer os perigos que a estas estão relacionados.

O objetivo deste trabalho é demonstrar os perigos inerentes a utilização de tais práticas e suas consequências, para se tentar evitar consequências irreparáveis.

SUMMARY

In the daily practice of martial arts, as well as in activities related to security services, neck constriction techniques are routinely used to contain and immobilize the opponent/aggressor, and we must know the dangers that are related to these.

The objective of this work is to demonstrate the dangers inherent in the use of such practices and their consequences, to try to avoid irreparable consequences.

INTRODUÇÃO

As lutas marciais proporcionam inúmeros benefícios à saúde do corpo e da mente, seja na melhora da coordenação motora, na liberação da energia do estresse, na tonificação dos músculos, no emagrecimento ou no desenvolvimento de mais disciplina e autocontrole. São esportes que agradam a todos os gostos pelos mais variados tipos de lutas disponíveis[1].

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, as lutas não são violentas e podem ser uma ótima alternativa aos que não se identificam com outros esportes e atividades físicas mais "comuns", como natação, musculação ou corrida.

Toda prática tem a sua particularidade e oferece benefícios que variam de acordo com cada modalidade, promovendo também a saúde e o bem-estar.

As lutas são caracterizadas pelo uso de técnicas de agarramento, derrubadas e golpes que podem ser realizadas por dois ou mais competidores. Existem diferentes estilos de lutas e elas podem variar conforme as regras.

As técnicas de lutas estão presentes nas artes marciais e também em sistemas militares [2].

Os autores informam não haver conflito de interesse

MODALIDADES

A experiência demonstra que é possível o estrangulamento através da constrição do pescoço pela ação das mãos, do braço e do antebraço, como demonstrado nas gravuras disponibilizadas abaixo.

Entre os movimentos/golpes mais utilizados para imobilizar o oponente, realizando constrição do pescoço, podemos aqui selecionar alguns, que são [3]:

GUILHOTINA.

Essa posição consiste em estrangular o oponente utilizando- se de um dos braços em volta do pescoço do mesmo. A fotografia disponibilizada ao lado representa esta modalidade de golpe [4].

CROSS FACE.

Essa é uma posição de domínio nas costas, que utiliza o antebraço e ambas as mãos unidas para forçar o oponente a olhar para o lado, é uma posição que força a cervical devido ao alto grau de pressão exercida no maxilar.

A fotografia disponibilizada ao lado representa esta modalidade de golpe [5].

MATA-LEÃO.

Consiste na utilização de ambos os braços, sendo um envolto ao pescoço e o outro atrás da cabeça do oponente para exercer a pressão necessária para o estrangulamento do oponente.

A fotografia disponibilizada ao lado representa esta modalidade de golpe [6].

FISIOPATOLOGIA

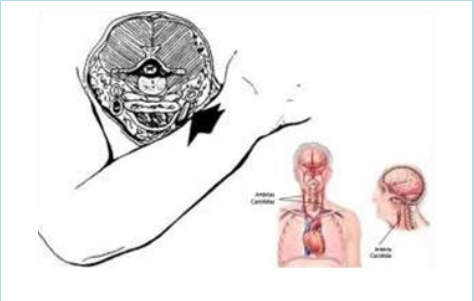
O Estrangulamento, vem a ser a asfixia por constrição do pescoço, quer seja ocasionada por um laço acionado por meio diverso ao peso da vítima, ou qualquer outro meio, até mesmo os antebraços.

Em geral, a morte se dá por oclusão das vias aéreas ou por obstrução da circulação das carótidas (artérias localizadas no pescoço).

A morte pode ser, também, ocasionada por inibição nervosa.

Nos casos decorrentes da oclusão das vias aéreas ou por obstrução da circulação das carótidas, inicialmente ocorre a interrupção da vascularização do cérebro pela constrição e consequente cessação da passagem de sangue. Isso implica em isquemia para o cérebro. Com esta falta de aporte sanguíneo, a oxigenação cerebral fica prejudicada e a pessoa perde a consciência/desmaia.

Na gravura disponibilizada ao lado, demonstra-se a ação do antebraço, comprimindo o pescoço e, consequentemente as artérias e a traquéia.



Caso haja o desfalecimento do oponente, neste momento, ainda não há parada cardio-respiratória, e a descompressão do pescoço com elevação dos membros inferiores, para aumentar a vascularização do cérebro, em geral, é suficiente para reverter o quadro.

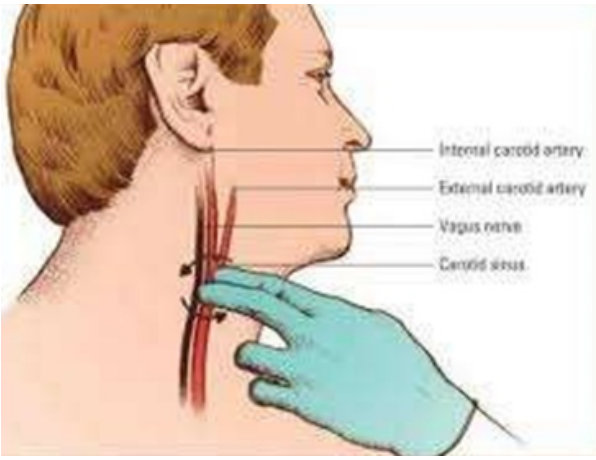
Com a manutenção da constrição, o oxigênio deixa de fluir para todo o organismo, e para o encéfalo, uma vez que as vias aéreas, (traquéia) esta comprimida no pescoço, assim como as artérias, fonte da oferta de oxigênio e, a parada cardio- respiratória irá fatalmente ocorrer.

A parada cardio-respiratória, pode ocorrer por outro mecanismo, distinto da oclusão da traquéia ou dos vasos (artérias), mas pela compressão nervosa.

Nesta modalidade, a parada cardio-respiratória ocorre pelo mecanismo de inibição do nervo vago.

Dentre suas inúmeras funções do nervo Vago, ele também é responsável pelos batimentos do coração.

Na bifurcação da artéria carótida, no pescoço, existe um receptor nervoso, tributário do nervo vago e, a compressão deste pode levar a parada cardíaca, que independe da oxigenação para todo o corpo. É um reflexo puramente nervoso.



ACHADOS DE NECRÓPSIA

Em geral, os achados externos, quando da realização do exame de Necrópsia, em casos de morte por consequência de golpes de artes marciais, relacionados com constrição do pescoço, são praticamente inexistentes, sendo verificados apenas quando do exame das estruturas profundas da região cervical.

Na fotografia disponibilizada ao lado, em visão anterior da região cervical, demonstramos a inexistência de achados na parte externa desta região.

Na fotografia disponibilizada na próxima página, em visão anterior da região cervical, tendo sido dissecada as partes moles, demonstramos gravidade das lesões decorrentes da aplicação do golpe tipo “Mata-leão”. Pode-se constatar, evidenciado pelo círculo na cor azul, a presença de infiltrado hemorrágico na musculatura, sendo evidente nos músculos esterno cleido mastoideo e esterno hioideo direitos.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Quanto das fases descritas, no momento em que a oferta de oxigênio cessa no cérebro, a resposta do organismo é o relaxamento total, em conjunto com a perda de consciência, estas duas manifestações acontecem em simultaneidade. Com a continuidade do processo, o relaxamento se torna maior e ocorre o relaxamento dos esfíncteres, que também são músculos, com liberação de fezes e urina. Os espasmos musculares vem a seguir, e são decorrência da isquemia cerebral; na realidade são fenômenos de convulsão pela anoxia cerebral. No caso do reflexo inibitório (nervo vago) esta sequência pode ser anacrônica, uma vez que já ocorre parada cardio-respiratória de primeira.

CONCLUSÃO

Este artigo tem por finalidade, alertar que, o praticante de lutas marciais e, principalmente o agente de segurança, deve ter em mente que, a finalidade do golpe é tão somente interromper a agressão/ataque, mas não levar o indivíduo à morte e, caso uma das complicações aqui expressas venha a ocorrer, deve ter treinamento para saber como proceder.

1 https://www.liveoficial.com.br/blog/os-principais-tipos-de-luta/
2 https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/lutas
3 https://biblioteca.univap.br/dados/000030/000030f5.pdf
4 https://www.ovelhasvoadoras.com.br/2020/10/evento-de-mma-com-criancas-luta-violenta-ko-guilhotina.html
5 https://www.youtube.com/watch?v=QGzFlfw3FJo
6 https://pt.wikipedia.org/wiki/Hadaka_jime

Sobre os autores

Claude Jacques Chambriard é Professor de traumato-ortopedia da Universidade do Rio de Janeiro; Mestre em ortopedia e traumatologia; especialista em cirurgia da mão; especialista em tumores osseos; Médico do Trabalho; Perito Legista da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro – DGPTC-PRPTC-NIT; Advogado; pós graduado em Direito Penal e Processual Penal.

Leandro Henrique de Almeida da Silva tem Licenciatura Plena em Educação Física; Bacharel em Direito;Pós graduado em Metodologia do Ensino Superior;Curso de extensão em Gestão Educacional - FGV;Inspetor de Polícia;Faixa de Jiu-jitsu 6° Grau; Faixa Preta de Judô; Professor de Krav Maga;Cefe do Setor de Educação Física e Defesa Pessoal da ACADEPOL;Coordenador técnico e Fundador do Instituto Nacional de Defesa Pessoal Profissional; Instrutor de APH Policial da ACADEPOL

5

INMETRO LANÇA PROGRAMA DE ENSAIOS DE PROFICIÊNCIA EM ANÁLISES FORENSES

Wagner Wollinger* e Eliane Cristina Pires do Rego

Com apoio da Senasp e da Polícia Federal (PF), o Instituto passou a organizar rodadas anuais de comparações interlaboratoriais para ensaios de alcoolemia e drogas, atendendo mais de 60 laboratórios oficiais de perícia localizados em todas as regiões do Brasil

Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro)

*Autor para correspondência: Wagner Wollinger – wwollinger@inmetro.gov.br Tel: +55(21)2145-3095

Av. Nossa Senhora das Graças, 50 – Xerém – Duque de Caxias – RJ – Brasil - CEP 25250-020

Ensaios de proficiência

Os ensaios de proficiência (EPs) são comparações interlaboratoriais organizadas para que os laboratórios participantes demonstrem sua competência em determinado tipo de medição. A norma ABNT NBR ISO/IEC 17043 define os requisitos gerais para EPs e enumera propósitos típicos desse tipo de estudo. Por exemplo:

a) avaliação do desempenho de laboratórios para ensaios ou medições específicas e monitoramento do seu desempenho contínuo;

b) identificação de problemas em laboratórios - e definição de ações de melhoria - que podem estar relacionados, por exemplo, a ensaios ou procedimentos de medição inadequados, à efetividade do treinamento da equipe e da supervisão ou calibração de equipamentos;

c) estabelecimento da efetividade e comparabilidade de métodos de ensaio ou de métodos de medição;

d) provimento de confiança adicional aos clientes do laboratório;

e) identificação de diferenças interlaboratoriais;

f) educação de laboratórios participantes baseada em resultados das comparações interlaboratoriais.

Ou seja, participar sistematicamente de rodadas de EPs é uma forma de os laboratórios identificarem oportunidades de melhoria em seus procedimentos, demonstrarem sua capacidade analítica e aumentarem a credibilidade de seus laudos.

Brasil

Embora existam programas consolidados de EPs para a área forense no exterior, como é o caso do *International Collaborative Exercises* (ICE) do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), é a primeira vez que esse tipo de estudo é realizado no Brasil. O provimento nacional de EPs traz vantagens para os participantes como maior rapidez na

realização e redução dos custos para receber os itens de ensaio, como são chamadas as amostras utilizadas nas rodadas de EP. Em alguns casos, um atraso na importação de itens de ensaio de programas estrangeiros de EP pode significar a perda do prazo para envio dos resultados, sem falar no risco de deterioração de amostras quando mantidas em condições ambientais inadequadas durante o transporte ou desembaraço alfandegário. Ou seja, a oferta nacional de EPs permite que mais laboratórios de perícia no país tenham acesso a essa ferramenta, aumentando a robustez do sistema pericial brasileiro como um todo. Com esse objetivo, integrantes do Inmetro, da Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) e da Polícia Federal (PF) planejaram o provimento de EPs coordenados pelo Inmetro e destinados a laboratórios de perícia.

Alcoolemia

Uma das frentes desse trabalho é a alcoolemia, isto é, a medição do teor de álcool (etanol) em sangue. O primeiro EP em alcoolemia foi iniciado em novembro de 2021, inaugurando o Programa de EPs em Análises Forenses do Inmetro. As próximas rodadas estão planejadas para o segundo semestre de cada ano – no momento está em andamento a segunda rodada.

Os itens de ensaio para as duas primeiras rodadas de alcoolemia foram preparados com a mistura de etanol e água, podendo conter outros compostos voláteis eventualmente encontrados no sangue. A opção de água como simuladora do sangue, feita para aumentar a estabilidade da amostra, foi baseada na experiência do Instituto Nacional de Metrologia da África do Sul (NMISA), que organiza EPs em alcoolemia desde 2004. Conforme descreveram Archer e outros autores em artigo publicado em 2017 no *Journal of Chemical Metrology* (http://doi.org/10.25135/jcm.5.17.04.038), não há evidência de que a substituição de sangue por água exerça efeito sobre os resultados. Ou seja, o desempenho dos laboratórios forenses para análise de etanol em sangue é demonstrado, ainda que os itens de ensaio do EP sejam preparados em água.

Para cada rodada, o Inmetro preparou dois lotes de itens de ensaio com concentrações diferentes de etanol, ambas na faixa de 0,5 a 50 dg/L. Uma série de análises por cromatografia gasosa (CG ou GC, da sigla em inglês) foi realizada para avaliar a homogeneidade do lote e sua estabilidade tanto durante o transporte quanto no período de realização das análises pelos participantes. Para simularas condições a que podem estar sujeitas em transporte sem refrigeração, as amostras foram mantidas em estufa a 50 °C pelo tempo máximo do deslocamento e depois analisadas para avaliar a estabilidade das concentrações de etanol. Também foram analisadas no início e no fim da rodada amostras mantidas em temperatura ambiente. Em ambas as situações, as análises demonstraram que os itens de ensaio não se modificam durante o período destinado às medições dos participantes. Tais ensaios asseguram que todos os participantes recebem materiais equivalentes, isto é, provenientes de lotes homogêneos e estáveis. O valor designado da rodada, que é a concentração de cada lote, foi determinado pelo Inmetro a partir dos dados das pesagens para o preparo da solução e do valor da pureza do etanol utilizado, igualmente definido pelo Instituto. O Inmetro também forneceu, junto com os itens de ensaio, ampola

de etanol com pureza determinada, para que os participantes usassem como calibrante em suas medições, caso desejassem.

As amostras foram enviadas por transportadora ou serviço postal aos quase 20 laboratórios que participaram de cada rodada. A maioria fez as medições utilizando CG com injetor de *headspace* e detector de ionização em chama (DIC ou FID). Alguns laboratórios utilizaram detector de espectrometria de massas.

Os resultados dos participantes foram avaliados pelo índice z (*z score*), uma medida da distância entre o resultado relatado pelo participante e o valor designado do EP. Nos casos em que o participante relatou incerteza de medição do seu resultado, foi avaliado também o erro normalizado. As análises estatísticas são feitas para verificar se o resultado da medição do participante está em conformidade com o valor designado do item de ensaio.
Para explorar diferentes competências analíticas dos laboratórios, na segunda rodada foi adicionado outro álcool como contaminante, o metanol, em um dos lotes de itens de ensaio. Para as próximas rodadas, o Inmetro vai avaliar a viabilidade do uso de sangue humano no preparo dos itens de ensaio.

Drogas

Um ensaio rotineiro para os laboratórios de química forense é a pesquisa de drogas em amostras apreendidas. Pensando nisso, outra frente do Programa de EPs em Análises Forenses do Inmetro é a identificação de drogas em amostras provenientes de apreensão policial. No primeiro semestre de 2022, o Inmetro organizou a primeira rodada dessa comparação, com três itens de ensaio diferentes contendo flunitrazepam, paracetamol e uma mistura de cocaína e cafeína. A próxima rodada está prevista para 2023 e também ocorrerá no primeiro semestre.

As substâncias utilizadas na primeira rodada foram recebidas da PF por autorização judicial ou adquiridas pelo Inmetro. Diluentes como sacarose, maltose e bicarbonato de sódio foram misturados às drogas. Alternativamente, o Inmetro poderá sintetizar substâncias para usar nas próximas rodadas deste EP.

Antes de distribuir os itens de ensaio, a identidade das drogas é confirmada por espectrometria de massas e/ou ressonância magnética nuclear (RMN). Em seguida, mesmo em rodadas destinadas somente à identificação da droga, o teor das substâncias controladas/proscritas e adulterantes presentes em cada lote é determinado por cromatografia líquida de alta eficiência (Clae), CG ou RMN quantitativa, de modo a garantir que os itens de ensaio contenham teor de droga na faixa definida para o EP. Na primeira rodada, foi de 5 a 50 % em massa.

A exemplo das amostras de alcoolemia, são feitos estudos de homogeneidade e estabilidade durante o transporte e estabilidade durante o prazo para a realização dos ensaios.

Como os itens de ensaio podem conter substâncias proscritas ou controladas, a logística de

distribuição para os participantes é feita pela PF, com auxílio eventual das unidades de polícia técnico-científica dos estados. Por serem órgãos de repressão a entorpecentes, as corporações policiais são autorizadas a transportar esse tipo de amostra.

Quase 60 laboratórios participaram da primeira rodada. Além de cromatografia em camada delgada (CCD) e procedimentos de triagem como os testes de Scott, Simon e Marquis, usados por alguns participantes, a maioria dos laboratórios utilizou CG-EM e espectrometria de infravermelho com transformada de Fourier (FTIR) para identificar as drogas presentes nos itens de ensaio.

Alguns participantes relataram a comparação dos resultados obtidos para os itens de ensaio com materiais de referência certificados (MRCs) das drogas suspeitas. O desempenho dos laboratórios é avaliado individualmente para cada item de ensaio e pode ser interpretado como: identificação correta, falso positivo, falso negativo ou item não analisado.

A partir da terceira rodada pretende-se permitir que os participantes também determinem o teor da droga na amostra, se desejarem, já que a quantificação não faz parte da rotina de todos os laboratórios de química forense.

Credenciais do Inmetro

O laboratório que pretende implementar uma ferramenta de controle externo da qualidade, como a participação regular em EPs, deve procurar provedores confiáveis, sobretudo quando pretende manter ou buscar acreditação de seus ensaios pela norma ABNT NBR ISO/IEC 17025.

A Coordenação Geral de Acreditação (Cgcre) do Inmetro estabelece, em seu documento NIT-Dicla-026, critérios para que os EPs possam ser aceitos no processo de acreditação. Para tanto, os EPs devem ser organizados por provedores como a Diretoria de Metrologia Científica, Industrial e Tecnologia (Dimci) do Inmetro, por provedores acreditados pela norma ABNT NBR ISO/IEC 17043, entre outros.

A implantação do Programa de EPs em Análises Forenses do Inmetro é financiada pela Senasp e pela Secretaria de Gestão e Ensino em Segurança Pública (Segen), ambas do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), por meio do Termo de Execução Descentralizada (TED) n° 001/2021. O TED citado foi um desdobramento do Acordo de Cooperação Técnica n° 2/2019, assinado pelo Inmetro e pela Senasp. Além disso, o Acordo de Cooperação Técnica n° 1/2021 entre Inmetro e PF viabiliza o recebimento de drogas apreendidas pela corporação, mediante autorização judicial, bem como a colaboração da PF na distribuição das amostras.

As parcerias com Senasp e PF são fundamentais não só pelas razões citadas, mas também pelo compartilhamento de experiência, casuística e informações que permitem às rodadas de EP aproximarem-se de ensaios da rotina forense, de modo que sejam úteis para os laboratórios aprimorarem suas medições.

Por fim, o Inmetro possui Autorização Especial (AE) da Anvisa para trabalhar com produtos sujeitos a controle especial. A AE permite que o Instituto prepare os lotes utilizados nas rodadas de EPs em drogas.

Confidencialidade

No fim de cada rodada de EP, um relatório é emitido pelo Inmetro com os resultados gerais da comparação. Cada participante é identificado no relatório por um código individual, conhecido somente pelo próprio participante e pelos comitês do Inmetro. Se o laboratório for acreditado pela norma ABNT NBR ISO/IEC 17025, seu código fica disponível também para conhecimento do organismo acreditador, a Cgcre. Em circunstâncias excepcionais, a norma ABNT NBR ISO/IEC 17043 permite que uma autoridade reguladora tenha acesso aos resultados do EP e à identificação dos participantes. Neste caso, o provedor do EP deve notificar esta ação aos participantes.

Em razão da natureza da área forense, algumas adaptações foram feitas, sem ferir nenhum requisito da norma 17.043. Os relatórios finais das rodadas são enviados diretamente aos participantes em vez de serem disponibilizados no *site* do Inmetro, como é feito com outros EPs do Instituto. Além disso, conforme informado no protocolo de divulgação de cada rodada, os códigos dos participantes são compartilhados com a Senasp no intuito de embasar políticas públicas para a melhoria dos exames periciais brasileiros.

Finalmente, também com o objetivo de identificar necessidades pontuais de melhoria, a Diretoria Técnico-Científica da PF passará a solicitar, nas rodadas de drogas, os códigos dos laboratórios pertencentes à corporação. Em todos esses casos, o compartilhamento dos códigos é informado no protocolo da rodada ou os participantes são consultados, e seus códigos são compartilhados somente após sua autorização.

O exercício de EPs é uma atividade que exige confiança mútua entre provedor e participantes, e o Inmetro está comprometido a seguir esse princípio.

Conclusão

A implantação no Inmetro de um Programa de Ensaios de Proficiência em Análises Forenses, até então inédito no país, é um caso de sucesso que foi possível graças à colaboração entre Inmetro, Senasp e PF, bem como à adesão em massa dos laboratórios das polícias-científicas estaduais e federais. A proposta é viabilizar rodadas anuais de ensaios tanto para alcoolemia como para drogas, por pelo menos quatro anos, com aumento da complexidade delas.

Esta ação já proporcionou uma nova ferramenta para que os laboratórios brasileiros de química e toxicologia forense demonstrem competência na identificação de drogas em amostras apreendidas e nas análises toxicológicas para determinação do teor de etanol no sangue. A participação nestes ensaios de proficiência contribuirá para a melhoria contínua dos métodos analíticos de cada laboratório, aumentando a confiança na perícia oficial do país.

Próximas rodadas

No primeiro semestre de 2023, o Inmetro fará a segunda rodada do EP em drogas. No segundo semestre, será realizada a terceira rodada de alcoolemia. Informações podem ser obtidas em: https://www.gov.br/inmetro/pt-br/assuntos/metrologia-cientifica/servicos/ensaios-de-proficiencia/analise-forense/

Documentos importantes

ABNT NBR ISO/IEC 17043:2011, apresenta os requisitos gerais para ensaios de proficiência.

ABNT NBR ISO/IEC 17025:2017, apresenta os requisitos gerais para a competência de laboratórios de ensaio e calibração.

ABNT ISO GUIA 35:2020, embora seja um guia voltado para produção de materiais de referência (MR), apresenta estudos e métodos estatísticos para caracterização e avaliação de homogeneidade e estabilidade que podem ser aplicados aos lotes dos itens de ensaio de EPs.

ISO 13528:2022, sobre métodos estatísticos para uso em EPs e comparações interlaboratoriais.

Portaria N° 344, de 12 de maio de 1998, Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e suas atualizações, sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial.

Portaria MJSP Nº 204, de 21 de outubro de 2022, Ministério da Justiça e Segurança Pública, sobre controle e fiscalização de produtos químicos, como adulterantes e insumos usados no processamento de drogas.

Agradecimentos

O Programa de EP em Análises Forenses do Inmetro conta com o apoio de algumas instituições e muitos pesquisadores e peritos criminais. O Inmetro agradece às secretarias Senasp e Segen, do MJSP, pelo financiamento e pelas discussões quase diárias com seu corpo técnico. Agradece também à Diretoria Técnico-Científica da PF pelo fornecimento de insumos, pela distribuição dos itens de ensaio de drogas e pela troca de conhecimento sobre as análises periciais.

No Inmetro, esse trabalho só é possível graças ao empenho das equipes do Laboratório de Análise Orgânica (Labor), da Divisão de Metrologia Química (Dquim), bem como do Laboratório de Programas de Ensaio de Proficiência (Lapep), ambos da Diretoria de Metrologia Científica, Industrial e Tecnologia (Dimci). E, claro, um muito obrigado a todos os laboratórios de química e toxicologia forenses que participam das rodadas.

Sobre os autores

Wagner Wollinger possui graduação em Farmácia Industrial pela Universidade Federal do Paraná (2002), mestrado em Química Analítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e doutorado em Química também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Trabalhou na Fundação Oswaldo Cruz entre 2002 e 2008 na área de controle da qualidade de medicamentos e desenvolvimento de métodos analíticos. Atua como pesquisador da área de Metrologia Química do Inmetro desde 2008. Possui experiência na área de Química Analítica, com ênfase em ressonância magnética nuclear e análises cromatográficas de compostos orgânicos. Participou de um intercâmbio em 2013 no *National Measurement Institute* em Sydney, Austrália, atuando na produção de materiais de referência certificados (MRCs) para substâncias utilizadas em dopagem esportiva. Trabalha com produção de MRCs e organização de EPs na área de química, bem como ensaios de produtos com foco em avaliação da conformidade. É representante do Inmetro no grupo de trabalho de razão isotópica (IRWG) do Comitê Consultivo para Quantidade de Matéria (CCQM) do Bureau Internacional de Pesos e Medidas (BIPM).

Eliane Cristina Pires do Rego possui graduação em Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Química Analítica pela Universidade Federal Fluminense (2007) e doutorado em Química também pela Universidade Federal Fluminense (2015). Atualmente é pesquisadora-tecnologista do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), atuando como chefe do Laboratório de Análise Orgânica da Divisão de Metrologia Química. Tem experiência na área de Química, com ênfase em química analítica e qualidade, atuando principalmente nos seguintes temas: desenvolvimento de material de referência certificado (MRC), estudos de pureza de compostos orgânicos, ensaios de proficiência (EP), validação de métodos, cálculo da estimativa de incerteza de medição, cromatografia à gás e à líquido, espectrometria de massas, espectrometria de massas de razão isotópica, ressonância magnética nuclear, análises da área forense, ambiental, alimentos, fármacos, biocombustíveis e toxicologia, além de gestão da qualidade de laboratórios pela norma ABNT NBR ISO/IEC 17025:2017 e para produtores de materiais de referência pela ABNT NBR ISO 17034:2017. Representa o Inmetro no grupo de trabalho de análise orgânica (OAWG) do Comitê Consultivo para Quantidade de Matéria (CCQM) do Bureau Internacional de Pesos e Medidas (BIPM).

#somostodos
PerícIaRJ